

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE ARTES CAMPUS DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

FERNANDA DE ANDRADE SANTOS

A ARTE COMO PROCESSO DE MEDIAÇÃO CULTURAL

SÃO PAULO
2024

FERNANDA DE ANDRADE SANTOS

A ARTE COMO PROCESSO DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Câmpus de São Paulo, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre em Arte Educação.

Linha de Pesquisa: Processos Artísticos, Experiências Educacionais e Mediação Cultural.

Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho

SÃO PAULO
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S237a Santos, Fernanda de Andrade (Nanda Andrade), 1982-

A arte como processo de mediação cultural / Fernanda de Andrade
Santos. -- São Paulo, 2024.
103 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho.
Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Artes. 2. Educação. 3. Mediação cultural. 4. Arte e sociedade. I. Palma
Filho, João Cardoso. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III.
Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

FERNANDA DE ANDRADE SANTOS

A ARTE COMO PROCESSO DE MEDIAÇÃO CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Câmpus de São Paulo, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre em Arte Educação.

Dissertação aprovada em 21 de junho de 2024

Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho, UNESP - SP - Professor Orientador

Profa. Dra. Miriam Celeste Martins, Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Pio de Sousa Santana, UNESP - SP

*A Deus, o autor da minha fé, que insiste em me amar,
apesar das minhas falhas e debilidades...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS, por me dar o dom da vida e me amparar nesses últimos 42 anos.

Agradeço a minha mãe, meu irmão e meu pai pela trajetória vivida até aqui.

Agradeço a minha eterna Aninha, que me incentiva a cada dia em superar a mim mesma. Sem ela, essa tentativa acadêmica seria inimaginável. Gratidão e amor eterno por cada dia de acolhimento, inspiração e fé.

Agradeço a Unesp pela oportunidade específica de ser orientada pelo professor e mestre acadêmico e de vida : Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho.

Agradeço aos colegas que tanto contribuíram com partilhas de vida no decorrer desses dois anos.

Agradeço aos respeitosos e generosos professores integrantes e presentes em minha banca examinadora de qualificação: Prof^a. Dr^a. Carolina Romano de Andrade e Prof. Dr. Pio de Sousa Santana.

Agradeço a Prof^a. Dr^a. Carmina Mendes André, pela doçura incontestável de sua existência.

Agradeço aos meus amigos e familiares, que têm me apoiado na construção e reconstrução diária de meus passos acadêmicos, bem como me fortalecido em meus dias mais pesados.

Agradeço a amiga e Prof^a. Dr^a. Roberta Jorge Luz, que com uma paciência peculiar, não mediu esforços para me orientar, acalmar e nortear nas questões mais específicas da área acadêmica.

Agradeço a querida amiga Sueli Godoy, que muitas vezes guardou sua própria dor para cuidar da minha.

Agradeço a amiga mais que generosa Xica que sempre me estendeu a mão sem contestar qualquer fragilidade minha.

Agradeço aos “meus meninos”: Rodrigo, Arih e Rafah pelos risos, apoios e pensamentos divididos.

Agradeço a todos os integrantes dos grupos: GPEPCEArte e Performatividades por todo aprendizado.

Agradeço, enfim, a todos aqueles que direta ou indiretamente estiveram e estão comigo em mais essa etapa vivida. Minha eterna gratidão...

"[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades algumas vezes contraditórias e não resolvidas ."

Stuart Hall

RESUMO

A presente pesquisa objetiva refletir acerca do papel da Arte no processo de Mediação Cultural. Esse processo em geral, tem ação continuada e pode se fazer presente na reprodução de uma atividade, mesmo que em princípio ela não tenha caráter artístico, mas revele, ao longo da ação, aspectos culturais importantes para a vida de determinado recorte de grupo ou para a sociedade como um todo. A Arte (e todas as suas vertentes, tais como Dança, Artes Visuais, Artes Cênicas e Música) é expressão cativante de grande poder transformador nas relações intrínsecas que compõem a própria cultura e vai muito além do que uma opcional mediadora coadjuvante da cultura em si, visto que como expressão cultural (re)construída em diferentes contextos, passa a compor um referencial histórico que também se amplia na aplicação do exercício da cidadania e no respeito às diversidades do mundo inteiro. Este estudo se baseou numa pesquisa bibliográfica exploratória de base qualitativa com análise de dados de pesquisa explicativa, já que identifica fatores que determinam e/ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos levantados, tendo como tema central “A Arte e a Mediação Cultural”, fazendo interlocução com as pesquisas de alguns autores precursores da Educação como Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Gisa Picosque, Mirian Celeste Martins, Rancière, Rejane Galvão Coutinho e outros, que indicaram resultados reveladores da Arte na aplicação cultural, social e política dos diversos sujeitos que compõem, constroem e moldam a sociedade. Uma das conclusões da pesquisa indica que a Arte é muito mais do que uma mera mediadora de um processo, sendo, na prática, a protagonista processual da própria formação do sujeito.

Palavras-Chave: Arte; Cidadania; Mediação Cultural; Processo.

ABSTRACT

The present research aims to reflect on the role of Art in the process of Cultural Mediation . This process generally has a continuous action and can be present in the reproduction of an activity, even if initially it does not have an artistic character, but reveals, throughout the action, important cultural aspects for the life of a certain group or for the society as a whole. Art (and all its branches, such as Dance, Visual Arts, Performing Arts, and Music) is a captivating expressions of great transformative power in the intrinsic relationships that compose the culture itself. It goes far beyond being an optional auxiliary mediator of culture since, as a cultural expression (re)constructed in different contexts, it becomes a historical reference that also expands in the exercise of the exercise of citizenship and respect for the world's diversities. This study was based on a qualitative bibliographic research with an explanatory data analysis, identifying factors that determine and/or contribute to the occurrence of the phenomena investigated, with the central theme being "Art and Cultural Mediation". It engages with the research of several pioneering authors in Education such as Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Gisa Picosque, Mirian Celeste Martins, Rancière, Rejane Galvão Coutinho, among others, who indicated revealing results of Art in the cultural, social, and political application of the various subjects who compose, construct, and shape society. One of the research's conclusions indicates that Art is much more than a mere mediator of processes; in practice, it is the procedural protagonist of the very formation of the subject.

Keywords: Art; Citizenship; Cultural Mediation; Process.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Signo, Significado e Significante	14
Figura 2 - Construção dos significados	15
Figura 3 - A "Direita" e a "Esquerda"	17
Figura 4 - O "Mito da Caverna" - Platão	18
Figura 5 - Arte Rupestre	21
Figura 6 - Arte Rupestre e os registros	21
Figura 7 - Arte Rupestre e os símbolos	22
Figura 8 - Arte Rupestre e os dias	22
Figura 9 - Vênus de Willendorf	23
Figura 10 - Encontro de Culturas Tradicionais	25
Figura 11 - Grande Esfinge de Gizé	26
Figura 12 - O rei Ashurnasipal com um servo	26
Figura 13 - Arte Grega	27
Figura 14 - A Loba Capitolina	27
Figura 15 - "A Criação de Adão" - Michelangelo	28
Figura 16 - Arte x Desenvolvimento	28
Figura 17 - Arte Contemporânea e Tecnológica	29
Figura 18 - Dança x Artes Cênicas	30
Figura 19 - Arte Urbana	30
Figura 20 - A diversidade cultural brasileira	33
Figura 21 - Indígena da aldeia Altamira Nii Yuxibu	34
Figura 22 - Mulheres em combate	35
Figura 23 - Mulheres de Israel	36
Figura 24 - Paideia	37
Figura 25 - Inteligência Cultural	39
Figura 26 - Fons x Potencial da Diversidade Cultural	41
Figura 27 - Geert Hofstede x Cultura Coletiva	41
Figura 28 - A(s) Cultura(s)	42
Figura 29 - Conhecimento a Priori	43
Figura 30 - Conhecimento a Posteriori	44
Figura 31 - Zoológico Humano	46
Figura 32 - A Menina da Foto	48

Figura 33 - Cultura x Consumo	52
Figura 34 - Elementos de Identidade Cultural	54
Figura 35 - Visual Key	57
Figura 36 - Decora	58
Figura 37 - Lolita	58
Figura 38 - Gyaruru	59
Figura 39 - Identidade (s)	60
Figura 40 - CR7 X Diferenças Culturais	61
Figura 41 - Tradição x Fantasia	63
Figura 42 - Apropriação Cultural	63
Figura 43 - Cultura x Poder	67
Figura 44 - Kim Jong-un	68
Figura 45 - Uma Arte Controlada	68
Figura 46 - Vladimir Herzog	84
Figura 47 - Pergunta sem resposta	85
Figura 48 - No verso da nota	85
Figura 49 - Insistência no questionamento	86
Figura 50 - Releitura quando da morte de Celso Daniel	86
Figura 51 - Outra releitura sobre Amarildo	87
Figura 52 - Releitura acerca da morte de Marielle	87
Figura 53 - Marielle Presente	88
Figura 54 - Guernica	89
Figura 55 - Ação Militar na Ditadura	95
Figura 56 - Opressão para todos os gêneros	96
Figura 57 - Protesto contra a Ditadura	96
Figura 58 - Ato contra a Ditadura	97
Figura 59 - Exposição Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CULTURA COMO OBJETO DE ESTUDO: ASPECTOS DE IDENTIDADE SOCIAL	32
2.1 Da generalidade à cultura	32
2.2 A crise da identidade cultural na pós-modernidade.....	51
2.3 Cultura ou Culturas? Uma discussão acerca da apropriação da definição midiática.....	56
2.4 A cultura como sinônimo de poder	66
3 A ARTE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DO CURRÍCULO À FORMAÇÃO DE CULTURA	73
3.1 Arte e Currículo: O embate entre a teoria e a prática	73
3.2 Arte e Cultura como estruturas formativas educacionais	78
3.3 Arte curricular nos meandros sócio-políticos.....	81
4 MEDIAÇÃO CULTURAL: AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO.....	83
4.1 A Arte como (Des) Construção.....	83
4.2 Ativismo das Artes e suas Manifestações	90
5 CONCLUSÕES.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação é proveniente da reflexão crítica, prática e experimental dos diferentes cenários vividos em meus muitos anos de experiência no meio educacional. Na área pedagógica que se estende da sociedade vivida, são notáveis as grandes e significativas transformações no campo da cultura e suas múltiplas manifestações nos últimos séculos. O desenvolvimento social, político e econômico acaba por culminar naturalmente na necessária adaptação estrutural das questões basais da mediação cultural, que permeiam assim, um processo entropizado por diferentes aspectos formativos da própria sociedade.

Seguindo essa prerrogativa, ao investigarmos o termo mediação, encontramos sua origem na raiz grega **medhyo**, que tem por significado “que está no meio”. Nesse sentido, para Martins (2012a, p. 47), “[...] agregar à mediação o conceito de cultura gera novas conexões”, essas conexões atingem uma amplitude de contextos de inserção do indivíduo como um todo, sendo possível, portanto, sua manifestação em locais de educação formais ou não-formais.

De forma conjunta, ao verificarmos a etimologia da palavra processo, verificamos que a palavra com origem no latim **procedere**, significa método sistema, maneira de agir ou conjunto de medidas tomadas para atingir algum objetivo, estabelecendo relação direta, denota-se o método como uma ação continuada, com realização prolongada na reprodução de alguma atividade.

Diante disso, o estudo buscou responder a seguinte problemática: qual o papel da Arte no processo de Mediação Cultural? Pode a Arte ser considerada o próprio processo cultural, ou é apenas um simples, descartável e opcional instrumento para essa mediação? Esta dissertação desenvolveu-se, portanto, por meio da pesquisa bibliográfica exploratória sobre o tema “Mediação Cultural e Arte”.

Não se busca, entretanto, uma metodologia principal embasada somente em experiências, conceitos e reflexões pessoais, mas, uma pesquisa amparada em autores precursores da temática em questão, tais como: Barbosa e Coutinho (2009), que revela o conceito de Mediação Cultural, ação-educativa no ensino de Arte e que debate acerca do processo de ensino e aprendizagem, e suas inferências políticas e históricas nas áreas da cultura e da Arte; Martins (2012), que descreve Mediação Cultural e discute a mesma nos espaços educativos não formais como museus; Martins, Picosque e Guerra (2010), que discorrem algumas ideias acerca de

linguagens, metodologias e territórios em relação à Arte e à Cultura; e Pino (2005), que trata sobre a mediação da Arte na formação humana.

Os autores Paulo Freire (2014) e Rancière (2002), nos levam ainda à reflexão de que a educação é um exercício contínuo da política que instiga naturalmente um pensamento formativo do indivíduo, na primária relação estabelecida entre autoridade x liberdade, posto que tal relação não evolui sozinha e que um projeto político maior da sociedade é necessário para revelar uma autonomia formativa de estudantes como um todo, que não apenas compreendam, mas que sejam estimulados a questionar: “o que vê? O que pensa disso? O que fazes com isso? E assim, até o infinito” (Rancière, 2002, p. 35).

A partir destes dois autores compreendemos numa escala clara de preposições, que a educação (formação) é um processo real estruturado e (re)construído não somente por seus pares, mas pelo próprio mundo: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2014, p. 39).

Se observarmos o movimento e o comportamento dos jovens nas salas de aula, geração após geração, o processo se repete, ainda que de formas múltiplas, dado que cada um tem a particularização de sua individualidade. De maneira direta ou não, parece haver um conjunto de regras que leva os discentes a se comportarem de maneira semelhante, influenciados pela última tendência cultural do meio a que pertencem.

Desde a infância, a dança, os esportes e a música estiveram amplamente presentes em meu dia-a-dia. Acredito que por tal motivo tenha sido estimulada a sempre estar em busca de atividades que conseguissem alimentar o meu espírito. Na busca por tais experiências, hoje, aos 42 anos, sou dançarina, psicanalista, graduada em Letras; Gestão Empresarial; Pedagogia e Educação Física. Possuo algumas especializações, dentre elas: Dança e Consciência Corporal, uma Arte que com toda certeza faz parte da minha alma. Como professora da Educação Infantil ao Ensino Médio é muito perceptível sentir como o que acontece fora dos muros das escolas reflete dentro das salas de aula: seja na música que escutam e por vezes ensaiam passinhos para publicarem nas redes sociais, seja na maneira como articulam ideias, pensamentos e palavras. Quanto mais próximos da adolescência, maior parece ser a absorção de conceitos que, na maioria das vezes, eles nem têm ideia de onde adquiriram tais pensamentos e condutas, mas acabam por serem repetidores de algo

que julgam “moderno” e “maneiro”, sem questionarem se, de fato, se sentem à vontade dentro daquela manifestação de ideias e conceitos. É isso que me trouxe até aqui: a reflexão dessas (re)construções de diversos conceitos reconfigura uma nova perspectiva de Arte e Cultura, em todo tempo, em todo indivíduo.

Signos, significados e significantes. Da origem à execução, nem sempre a clareza permeia as ações sugeridas e praticadas por esses indivíduos. A começar pela ideia de concretude de um signo linguístico ser atrelada à abstração de um significado (imagem acústica ou ótica) e de um significante.

Enquanto fazemos uso dos signos para relatar e revelar o que há no mundo, o significado desses mesmos signos não ficam presos ao objeto físico em questão, seja este qual for, mas na representação mental que temos acerca desse mesmo objeto. De tal maneira, o significante desse signo não se resumirá ao som, à fonética que dele se produz, mas também à representação mental que cada um de nós é capaz de ter acerca desses sons, devendo levar em conta, se preciso, as variações linguísticas, inclusive as regionais, que oferecem pronúncias diferentes a cada uma dessas palavras; podendo, em alguns casos, oferecer palavras sinônimas para cada uma delas.

Signos, significantes e significados, termos aqui utilizados, tem como referência as origens na linguística e na semiologia pela perspectiva de Ferdinand Saussure (2002) que numa linguagem mais geral os estabelece como *Signo* sendo a unidade básica de significado, composta pelo significante e pelo significado; *Significado* como o conceito ou a ideia associada ao significante (o conteúdo mental) e *Significante*, a "imagem acústica" ou a forma do signo, o aspecto físico (por exemplo, a palavra falada ou escrita).

A esse respeito, Darras (2009) contextualiza que desde a criação de um ingênuo signo, significado ou significante até o processo de mediação da cultura, se faz presente o processo interpretativo que o mediador seleciona com base na sua particular concepção identitária de cultura.

Para Darras (2009, p37), a mediação se encontra na junção de quatro essências: “[...] o objeto cultural mediado; as representações, crenças e conhecimentos do destinatário da mediação; as representações, crenças, conhecimentos e expertises do mediador e do mundo cultural de referência”. Notamos que para o autor existe uma trama de relações presentes no processo de mediação cultural, além de outros aspectos específicos, como é o caso da própria Arte, já que

com ela, podemos refletir sobre a complexidade do processo de mediação cultural, através de sentidos atribuídos que se entrelaçam em meio às diferentes visões e leituras que cada sujeito possui. A imagem a seguir (figura 1), nos ajuda a visualizar esse entrelaçamento de leituras e sentidos entre Signo, Significado e Significante.

Figura 1 - Signo, Significado e Significante



Fonte: <https://arierbos.medium.com/>

Pouco tempo depois de quando se nasce, as crianças aprendem a falar – as mais estimuladas, até mais rapidamente que outras – e daquilo que lhe é ensinado, logo há uma associação entre o que escuta e o que ela percebe em seu entorno, além do que pensa e sente, e por fim o que ela quer, ligando a pronúncia das palavras ao objeto ou ação que se quer efetivamente, ou seja: ideias, desejos, sentimentos, vontades, emoções e conceitos formam um emaranhado intrínseco e semântico na composição de cada signo, significado e significante. A imagem seguinte (figura 2), ilustra essa relação interdependente da construção dos significados. Vejamos:

Figura 2 - Construção dos significados



Fonte: <https://arierbos.medium.com/>

Em meio a isso, a mediação cultural se forma, levando em conta o meio a que determinado ser é pertencente, e ainda que por vezes esse movimento não seja levado em consideração, tudo conta na formação do indivíduo. Assim, nas escolas, em cada sala de aula, é perceptível que: desde a vestimenta até o linguajar e conduta dos discentes, mesmo quando estes fazem uso de uniformes, a identidade sobrepuja qualquer forma acadêmica de ordem e padrão.

A mediação cultural não é, portanto, uma construção estritamente política, é igualmente social, e nesse sentido Barbosa afirma que:

o esforço que se emprega para ampliar o contato, o discernimento, o prazer da população com a cultura que a cerca, resulta em benefícios sociais como qualidade das relações humanas e compreensão de si e do outro (Barbosa, 2009, p. 21).

Seguindo nesse pensamento, a autora sugere que a (re)leitura ou a (re)criação do *objeto artístico* através da mediação cultural, pode desenvolver o próprio conhecimento do sujeito, bem como das inter-relações existentes no ambiente de sua inserção. Esse contexto, coloca a Arte como sendo o próprio processo da mediação cultural, que expande aos sujeitos o desenvolvimento da reflexão, da criticidade, da construção do saber, do aprimoramento emocional e da melhoria das intra e inter-relações.

Nas salas de aula, quando o espaço é aberto para algum tipo de debate ou

participação do discente em relação ao meio em que vive ou que aborde algum nível de criticidade acerca da sociedade, a Semântica se revela em cada significado, contexto e sentido dado às expressões e palavras. Quando avulsas, essas expressões e palavras costumam carregar o seu sentido próprio; quando não, podem carregar quase todo tipo de significado.

É importantíssimo saber quais as referências, para também saber quais universos elas podem alcançar, principalmente se pensarmos em culturas e sociedades, até porque, ao longo do tempo, é muito comum que variadas palavras e expressões sofram e/ou proponham mudanças.

A exemplo, será possível quantificar ao certo as transformações que os signos “direita” e “esquerda” tiveram ao longo do tempo? Sem contexto, podem designar apenas direções. Mas quantas correntes políticas são determinadas da mesma maneira? E se “Direita” e “Esquerda” parecem ter surgido desde sempre como metáforas, pois localizavam dentro do parlamento francês, na época da Revolução Francesa, as posições físicas de seus donos, igualmente carregam até hoje a forma das metonímias quando um ou outro troca os signos por indivíduos reais (“A Direita afirma que...”; “A Esquerda luta por...”). Conforme imagem da figura 3, abaixo, que retrata A “Direita” e a “Esquerda” na Assembléia Nacional Francesa (1789 - 1792) , é possível perceber que essas expressões podem ser muito maiores que uma figura de linguagem: representam a sociedade em movimento constante, dentro dos próprios princípios que acredita e/ou estabelece.

Figura 3 - A "Direita" e a "Esquerda"



Fonte: <https://arierbos.medium.com/>

Para que tenhamos o entendimento exato do que se deseja expressar ou representar é preciso ir além da simples e mera articulação, do contrário, facilmente corremos o risco de expressar não a mensagem desejada, mas algo além do mundo real, podendo pertencer a um mundo irreal, fictício, atrelada a uma linguagem sem decodificação idônea, inventada e dependendo, até perigosa, como, por exemplo a obra: A Alegoria do Mito da Caverna de Platão (figura 4), que ilustra a jornada do conhecimento, comparando pessoas presas em uma caverna, vendo apenas sombras, com outras pessoas que buscam a experiência de descobrir a realidade iluminada fora da caverna, simbolizando a transição da ignorância para o

conhecimento verdadeiro. A obra nos possibilita a problematização entre realidade ou ilusão, sombra e luz, conhecimento e educação.

No dia a dia, quantos discursos se perdem em sala de aula ou são facilmente deturpadas por quem não deseja contribuir efetiva e positivamente com o assunto em pauta?

Figura 4 - O "Mito da Caverna" - Platão



Fonte: <https://www.gestaoeducacional.com.br/>

Tendo todas essas prerrogativas como ponto de partida, a organização da pesquisa se divide três pontos específicos: apresentação do projeto; levantamento e análise dos dados acessados; reflexões e escrita de apontamentos que acrescentam uma relevância na temática Arte e Mediação Cultural, buscando refletir acerca da seguinte problemática: A Arte é um mero instrumento de mediação cultural, ou por si só e suas vivências, pode ser considerada o próprio processo cultural?

Esse estudo foi formulado a partir de pesquisas bibliográficas e exploratórias, com reflexão crítica das referências conceituais estudadas. A abordagem da pesquisa é qualitativa, com epistemologia interpretativa, de natureza teórica com aprofundamento de ideias pré-existentes. A análise de dados é de pesquisa

explicativa, já que buscou identificar fatores que determinam e/ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos levantados.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, a Cultura é apresentada e refletida como objeto de estudo do ponto de partida da temática discutida, que serão os aspectos de identidade social, das generalizações, passando pela crise da identidade cultural na pós-modernidade e desembocando na discussão acerca da apropriação midiática até chegar à cultura como sinônimo de poder, e serão trabalhados a fim de desenvolver questionamentos acerca do cotidiano.

No segundo capítulo, o tema será em torno de como se entende a Arte no mundo moderno e suas atuais problematizações, do currículo à formação de cultura, versando sobre o embate entre teoria e prática, discutiremos sobre as estruturas formativas educacionais e sobre a ótica sócio-política e seus meandros naturais.

No terceiro capítulo, o foco será a questão da Mediação Cultural na sociedade. Afinal, quais as múltiplas possibilidades de Expressão Cultural? Há como determinar, limitar e impor regras em relação à Arte? Qual a capacidade humana em definir algo tão concreto e abstrato, sob vários parâmetros, e múltiplo como a Arte? Entre a liberdade de criar e a criação de fato, existe limite? E se há limite, existe de fato a tal liberdade? Respostas para esses e tantos outros questionamentos serão apresentadas numa espécie de convite para reflexão, sem a mínima presunção de construir um único caminho ou apontar uma única saída. Tão diversa como a Arte, é também a capacidade de compreensão da mesma, se moldando e remodulando através dos tempos e contextos envolvidos.

O interesse pela pesquisa, portanto, vai ao encontro a esse desbravar das múltiplas visões acerca da Arte, podendo ser reconhecida como mediadora cultural ou integralmente como meio de expressão. A Arte é assim, uma linguagem que pode ser tanto não verbal quanto verbal e que aborda amplamente as questões da Cultura e essa abordagem medeia o conhecimento e o diálogo acerca das(s) cultura(s) mais diversas. Porque se pensarmos nas sociedades existentes, por mais diferentes que sejam seus hábitos, a origem, pelo que temos em datas históricas é a mesma: desde os primórdios da humanidade, os indivíduos fazem uma série de registros e se expressam por meio de sinais.

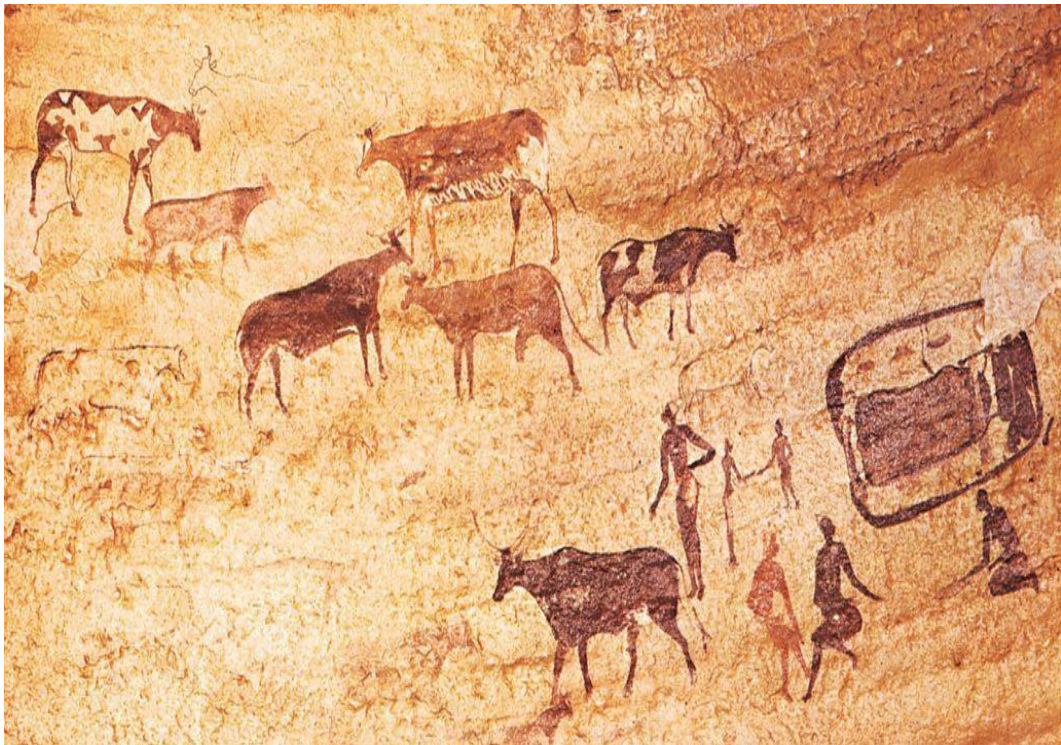
Embora seja difícil traçar um ponto específico no tempo ou identificar uma única origem para a Arte, alguns registros antropológicos e arqueológicos sugerem que as

manifestações artísticas têm raízes profundas na história da humanidade, sendo assim, trabalhar perspectivas e conhecimentos para entendermos como isso se dá na atualidade é fundamental para também conhecer a nós mesmos.

A investigação das primeiras formas de Arte encontradas em cavernas e abrigos rochosos, como as pinturas rupestres em lugares como Lascaux, Chauvet e Altamir (figuras 5, 6, 7 e 8), guardam segredos ainda estudados pela humanidade, apesar de sugerirem um percurso sem muitas certezas sobre a própria definição da Arte.

A “jornada” parte da Arte Rupestre (e Pré-história), passando pela Arte Paleolítica e Neolítica conforme figura 9, que ilustra uma obra esculpida há 30 mil anos durante o Paleolítico Superior (incluindo esculturas, cerâmicas e outros artefatos encontrados em sítios arqueológicos ao redor do mundo), pela Arte Primitiva e Culturas Tradicionais (investigando as tradições artísticas de culturas indígenas e tribais, examinando as formas de expressão artística, os materiais utilizados e o significado cultural por trás dessas obras), pelo Desenvolvimento da Arte nas Civilizações Antigas (estudando o surgimento da arte nas civilizações antigas, como as do Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma, e sua influência na arte posterior), pela Arte e Religião (explorando como as crenças espirituais e os rituais religiosos influenciaram a produção artística e vice-versa), pela Evolução da Estética e da Teoria da Arte (investigando como as ideias sobre beleza, criatividade e expressão artística mudaram ao longo do tempo, desde as concepções antigas até as teorias modernas da arte) até chegar à Arte Contemporânea e Tecnológica (incluindo o impacto da mídia digital, da globalização e das novas formas de expressão artística). As imagens a seguir revelam que a Arte sempre esteve presente ao longo dos tempos.

Figura 5 - Arte Rupestre



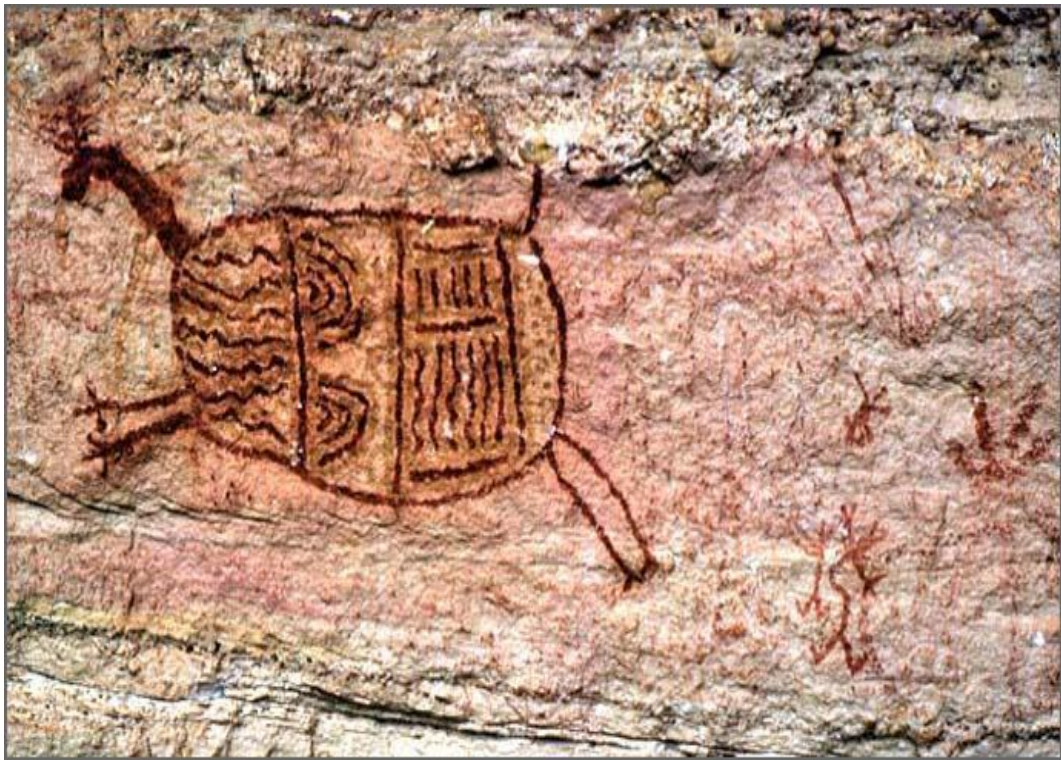
Fonte: <https://acrilex.com.br/>

Figura 6 - Arte Rupestre e os registros



Fonte: <https://acrilex.com.br/>

Figura 7 - Arte Rupestre e os símbolos



Fonte: <https://acrilex.com.br/>

Figura 8 - Arte Rupestre e os dias



Fonte: <https://acrilex.com.br/>

Essas pinturas foram divididas em três grupos: o zoomórfico (representação de animais), o antropomórfico (figuras humanas e suas diversas formas) e os símbolos (constituído por desenhos [aparentemente] sem sentido).

Grande é o poder da Arte. Maior é a apropriação do homem ao longo das eras. E mesmo sem quase nenhum recurso, as cores já eram notáveis em todos os registros encontrados. Segundo a história, o homem raspava alguns tipos de minérios para obter o pó colorido e misturava com cera de abelha ou até mesmo resina de árvore. Além disso, as análises de pigmentos mostraram a utilização de carvão (restos das fogueiras) com saliva, óleos vegetais e até mesmo sangue.

Metafórico ou não, a Arte é mesmo pungente e, como sangue que esvai, é aquela capaz de não apenas transformar a realidade que se vive como a de trazer para a concretude a abstração dos dias, dos pensamentos, dos sentimentos, da fé. Sem parada, ela segue em construção diária, se fazendo e refazendo dentro daquilo que o indivíduo acredita como importante ou minimamente necessário como expressão. O certo e o errado, o harmonioso ou o precário ficam por conta de quem julga oferecer o veredicto.

Figura 9 - Vênus de Willendorf



Fonte: Creative Commons

A estatueta Vênus de Willendorf, um dos exemplos mais importantes da arte antiga na Europa, foi descoberta em 1908 e acreditava-se que sua origem se deu na Áustria, entretanto, novos estudos revelam que a rocha que originou a obra veio na verdade, da Itália.

Mistérios não faltam. E se a Arte por si só é múltipla, não é estranho perceber

que ao longo dos anos ela não só, não se perde, como de fato se intensifica. Se considerarmos a Arte Primitiva e, principalmente, a permanência das Culturas Tradicionais, é louvável perceber o incentivo que algumas regiões dão para a manutenção de encontros de culturas tradicionais até os dias de hoje, conforme figura 10. Esses encontros são eventos importantes que celebram e promovem a diversidade cultural e o patrimônio de diferentes comunidades.

A Arte desempenha um papel fundamental, tanto como uma expressão cultural em si mesma quanto como um meio de promover o entendimento intercultural.

Além disso, atua na preservação e na promoção da cultura, seja na pintura, ou mesmo ainda na escultura, na música, na dança e no artesanato que muitas vezes carregam uma expressão direta da cultura de uma comunidade ou povo.

Essas formas de Arte desempenham um papel vital na preservação e na promoção das tradições culturais, transmitindo conhecimentos, histórias e valores de geração em geração, contribuindo para também romper barreiras linguísticas e culturais, proporcionando uma plataforma para o diálogo e a compreensão mútua entre diferentes grupos étnicos e culturais.

Em encontros de culturas tradicionais, a Arte pode servir como um ponto de conexão, permitindo que as pessoas compartilhem suas experiências, ideias e perspectivas de mundo.

As culturas ditas “tradicionais”, sejam elas (re)conhecidas ou não como tais, encontram em diferentes regiões a continuidade de expressões folclóricas artísticas aprendidas e apreendidas de diversos indivíduos, que se desenvolvem e moldam no decorrer das sociedades. Vejamos as imagens a seguir (figuras 10 a 19):

Figura 10 - Encontro de Culturas Tradicionais



Fonte: Mariana Florêncio, 2023

A figura acima mostra o Encontro de Culturas Tradicionais na Vila de São Jorge, em Alto Paraíso de Goiás, realizado em julho de 2023 e nos mostra que por meio da colaboração e da troca entre diferentes culturas, em encontros de culturas tradicionais, novas formas de expressão artística podem surgir, incorporando influências de diversas origens. Com isso, quase que naturalmente, há o fortalecimento da identidade cultural das comunidades envolvidas. Ao celebrar e compartilhar suas tradições por meio da Arte, as pessoas se sentem mais conectadas à sua herança cultural e mais orgulhosas de suas raízes.

Ou seja, a Arte desempenha um papel essencial nos encontros de culturas tradicionais e contemporâneas (exemplificadas nas figuras 10 a 19), servindo como um veículo para preservar, promover, facilitar o diálogo e fortalecer as identidades culturais ao longo do tempo.

A figura 11 é uma obra de Arte Arquitetônica (feita de pedra calcária) muito conhecida mundialmente, tendo mais de 73 metros de comprimento, 19 metros de largura e 20 metros de altura. Localizada no planalto de Guizé, ao norte do Egito, A Grande Esfinge de Guizé ou simplesmente Esfinge retrata um ser mitológico grego com cabeça humana e corpo de leão.

Figura 11 - Grande Esfinge de Gizé



Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br>

Reis e suas relações também foram retratados desde os primórdios dos tempos. A figura 12, é uma escultura criada pelos assírios no século IX a.C. Nela estão representados o rei Ashurnasipal e um servo.

Figura 12 - O rei Ashurnasipal com um servo



Fonte: Shutterstock

Utensílios como vasos e jarros de cerâmicas também eram utilizados como forma de expressão de Arte e Cultura de alguns povos. Na figura abaixo (figura 13), vemos a imagem de ânfora com figuras negras; cratera com figuras vermelhas e hidria com figuras coloridas, presentes na Arte Grega.

Figura 13 - Arte Grega



Fonte: Blog Arte CEDVF

Na figura a seguir (figura 14), vemos a famosa escultura de bronze que representa a lenda mitológica da fundação da cidade de Roma, onde uma loba amamenta os gêmeos Remo e Rômulo, que se salvaram de um possível afogamento num acidente no Rio Tibre.

Figura 14 - A Loba Capitolina

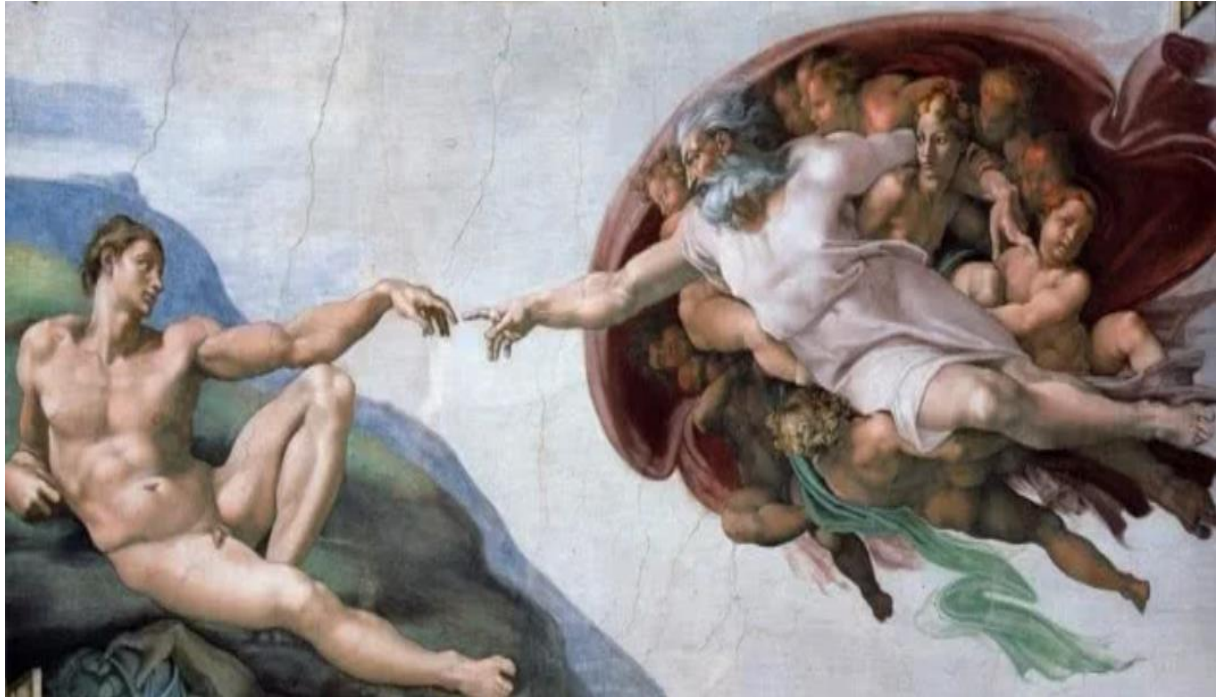


Fonte: Pixabay

Não é muito difícil ver uma configuração direta na relação entre Arte e Religião. A figura 15 é a ilustração pintada pelo genial artista Michelangelo Buonarroti que representa a passagem bíblica em que Deus dá origem à humanidade. A obra possui

a dimensão de 280 cm x 570 cm, com detalhes primorosos na pintura realizada no teto da Capela Sistina, por volta de 1511.

Figura 15 - “A Criação de Adão” - Michelangelo



Fonte: Toda Matéria

O desenvolvimento da estética e da teoria da Arte se tornam um ciclo constante e comum em todas as eras da sociedade, conforme figura abaixo (figura 16).

Figura 16 - Arte x Desenvolvimento



Fonte: <https://livrandante.com.br/>

De igual forma, vemos a seguir, na figura 17, o contínuo desenvolvimento da Arte Contemporânea associada à Tecnologia, marca da atualidade.

Figura 17 - Arte Contemporânea e Tecnológica



Fonte: <https://worldinfotech.com.br/>

Da Arte Egípcia à Contemporânea e Tecnológica muitas técnicas foram desenvolvidas e aprimoradas, e como não há verdade absoluta, há os que creem que a Arte foi sendo deixada e perdida no meio do caminho e transformada em algo que nem se nomeia. Entre apropriações e mediações culturais, salva a reflexão dos dias atuais: a Arte deve ser enquadrada e determinada? Ou ainda que se tente é impossível cerceá-la? O que, afinal, é Arte? E como responder a tudo sem esbarrar em padrões anteriormente estabelecidos ou mediados por experiências outras, que não mantêm conexão com os dias atuais?

Na figura 18, há o registro do espetáculo *Plagium*, da Companhia Dançurbana, ocorrida em 2014. Afora o contraste das cores e do jogo de luzes, é possível perceber a cadência de movimentos que a Dança, em sua expressão, é capaz de oferecer como forma de construção corporal.

Figura 18 - Dança x Artes Cênicas



Fonte: Reginaldo Borges, 2014

Já em sala de aula, mesmo em atividades em que o corpo ganha expressões, como na Educação Física, ou em aulas de Expressão Artística, nem tudo é encarado como sendo ou tendo caráter artístico: tudo depende, ao que parece, do propósito. Mas ainda assim, a Arte permanece como meio para a maior parte das aflições intelectuais e da alma – seja no momento em que num livro se procura uma resposta para sentimentos que não cabem em palavras ou quando em palavras se criam neologismos por quem assim as redige; também na dança, divulgada por redes sociais como Tik Tok; ou na música, ao refletir o meio e a cultura em que se vive, como no caso também dos graffitis (figura 19).

Figura 19 - Arte Urbana



Fonte: <https://pixabay.com/images/id-393488/>

Se a Arte está em tudo, então tudo e nada se definem. Feito pronome indefinido, que tudo e nada explica. E por que, afinal, precisamos tanto de explicações?

Ao pensar nas condutas humanas e nos aspectos mais recônditos da alma, todos esses questionamentos e formas de expressão da vida perpassam pelo meu interesse nessa pesquisa.

A Arte, por si só, deve se bastar como expressão do meio e como meio de mudança de todas as gerações. Do contrário, ela possivelmente se tornaria obsoleta e descartável, sem qualquer relevância no papel da sociedade, principalmente daquela que deseja se autoanalisar e prosperar.

2 CULTURA COMO OBJETO DE ESTUDO: ASPECTOS DE IDENTIDADE SOCIAL

A cultura é melhor vista não como complexos e padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções (que os engenheiros de computação chamam "programas") — para governar o comportamento (Geertz, 2008, p.32).

Neste capítulo, atente-se à ideia de cultura, sua generalidade e possíveis apropriações.

2.1 Da generalidade à cultura

A cultura é um conceito amplo e multifacetado que engloba as normas, valores, crenças, ciências, tradições, artes, linguagens, costumes e práticas de um grupo de pessoas. A generalidade da cultura pode ser interpretada de várias maneiras, a depender da sociedade que a desenvolve. Entre as generalidades mais comuns nos tempos atuais, têm-se a diversidade, a complexidade, a evolução, a interconexão e a identidade cultural.

Levando-se em conta, mudanças e desafios que ocorrem em meio a essas classificações, a generalidade cultural é pautada em basicamente tudo que existe no mundo, respeitando obviamente, as características de uma sociedade específica. Ou seja, fatores políticos, econômicos, históricos, geográficos, religiosos e artísticos estão entre os aspectos que, somados a tantas outras características e experiências humanas, formam as múltiplas possibilidades, também, de expressão cultural.

Segundo Coelho (1997, p.102) o termo Cultura é, em sua conceituação mais ampla, remetente à ideia de uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante. Num sentido mais estrito, como anota Raymond Williams (2011) acadêmico, sociólogo e teórico da comunicação e da cultura, crítico de arte, contista e novelista Galês, Cultura designa o processo de cultivo da mente, nos termos de uma terminologia moderna e cientificista, ou do espírito, para adotar um ângulo mais tradicional.

Diante de uma multiplicidade de elementos constituintes da própria cultura, como é o caso da diversidade da cultura brasileira, ilustrada na figura 20, é de suma importância embarcar a presente pesquisa, numa maior reflexão e possível elucidação inicial do que seria, se tem ou se valida como e enquanto cultura. É através da própria história conceitual dos signos, significados e significantes que, a priori, é possível fazer

não em função de uma racionalidade biológica. O autor exemplifica que o transporte de água para a aldeia é uma atividade feminina no Xingu (como nas favelas cariocas).

Essa realidade é comum em muitas outras aldeias, a exemplo também da aldeia em Altamira Nii Yuxibu (figura 21), na região amazônica do Acre.

Figura 21 - Indígena da aldeia Altamira Nii Yuxibu



Fonte: [//www.ifsul.edu.br/](http://www.ifsul.edu.br/)

Carregar cerca de vinte litros de água sobre a cabeça, implica na verdade, um esforço físico considerável, muito maior do que o necessário para o manejo de um arco, arma de uso “exclusivo” dos homens. Até muito pouco tempo, a carreira diplomática, o quadro de funcionários do Banco do Brasil, entre outros exemplos, eram atividades exclusivamente masculinas. Sob esse aspecto, o próprio exército brasileiro, bem como o exército de Israel demonstraram que as suas respectivas eficiências bélicas continuam intactas, mesmo depois da maciça admissão de mulheres soldados (figuras 22 e 23).

Figura 22 - Mulheres em combate



Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/08-04-2018/exercito-treina-mulheres-em-jf-para-o-combate.html>

Figura 23 - Mulheres de Israel



Fonte: <https://www.lrcadefenseconsulting.com/2022/08/mulheres-nas-tropas-de-operacoes.html>

Apesar de haver um pseudo consenso conceitual da cultura através de seus sujeitos constituintes, a interpretação e o entendimento de si mesmos e dos outros em relação à determinada cultura, parece sempre apontar para diferentes ângulos. Fica evidente que não é unívoca, já que a própria palavra é usada e atribuída a tantas outras variações de sentidos que geram constantemente grandes desencontros de sua compreensão.

A cultura parece se confundir e se fundir como uma espécie de organismo vital que se interrelaciona continuamente em diversos aspectos constituintes de si mesma, que ora alimenta, ora é alimentada por seus pares. Esse movimento contínuo acaba por revelar suas muitas partes, que dependendo do que se tem como proposta, só faz sentido em conjunto, podendo produzir diretrizes maiores do que inicialmente se supunha.

Segundo Oswald Spengler (1969), historiador e pesquisador alemão, a cultura seria como um organismo vivo, pois as eras fazem e refazem experiências múltiplas, e, não à toa, ele afirma que a história mundial termina por ser a sua própria biografia. Spengler conceitua:

Uma cultura nasce no momento em que uma grande alma desperta da protoespiritualidade de uma espécie humana sempre infantil, separa-se e torna-se uma forma brotada do informe, uma coisa limitada e mortal surgida do ilimitado e perene... Floresce... Morre quando essa alma realizou a soma completa de suas possibilidades sob a forma de povos, línguas, dogmas, artes, Estados, ciências, e reverte à protoalma... Uma vez atingidas as metas – a ideia, o conteúdo inteiro das possibilidades internas alcançando a sua consumação e convertendo-se em realidades exteriores – a cultura subitamente se torna rígida, necrosa-se, o seu sangue se congela, a sua força (criadora) esgota-se, e ele se converte em Civilização (Spengler, 1969, p.177-178).

É válido também pensar como a civilização pode sucumbir ou tentar extinguir a cultura quando o respeito aos povos fica ausente. Em contrapartida, essa mesma cultura é capaz de se perpetuar por gerações infindas, em movimentos constantes, cíclicos, carregados de características diversas, em releituras múltiplas na formação do espírito humano.

Dada a devida proporção dos tempos e das histórias vividas, é possível remontar ao que os gregos chamavam de *Paideia* (figura 24), como sendo o sistema de educação da Grécia Antiga e ao que os romanos denominavam de *humanitas*. Dessa maneira, a cultura é apresentada como sendo a educação que forma o cidadão, o que naturalmente o distingue dos demais animais.

Figura 24 - Paideia



Fonte: <https://portaldogestor.com.br/paideia>

Dessa maneira o conceito de cultura se caracteriza por diversos precedentes sociais, e nessa ideologia o autor Laraia (2007, p.25) diz que, no final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, da seguinte maneira: “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Com essa definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura, em oposição à idéia de aquisição inata transmitida por mecanismos biológicos.

Seguindo esse pressuposto, Thompson (1995, p.166), por sua vez, discorre que o termo "cultura", surgido nas primeiras discussões entre os filósofos e historiadores alemães nos séculos XVIII e XIX, era geralmente usado para se referir a um processo de desenvolvimento intelectual ou espiritual, um processo que diferia, sob certos aspectos, do de "civilização".

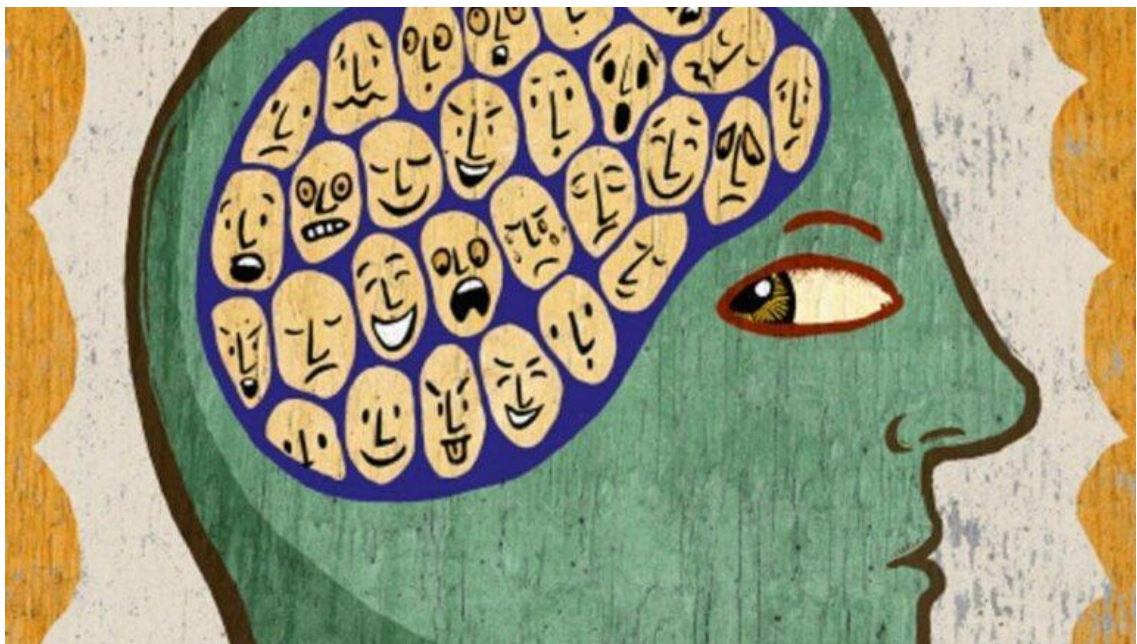
O autor expõe:

Na língua alemã, entretanto, estas palavras eram, frequentemente, contrastadas, de tal forma que Zivilisation adquiriu uma conotação negativa e Kultur, uma positiva. A palavra "Zivilisation" foi associada com polidez e refinamento das maneiras, enquanto "Kultur" era usada mais para se referir a produtos intelectuais, artísticos e espirituais nos quais se expressavam a individualidade e a criatividade das pessoas (Thompson, 1995, p. 168)

Torna-se notório mais uma vez que a complexidade cultural ocorre porque o humano é também assim: os muitos aspectos da vida de uma sociedade reverberam em expressões e verdades que, sem a devida apropriação de tais conceitos e realidades, torna-se desafiador a compreensão de seu real significado. Isso inclui não apenas os aspectos visíveis, como idioma, gastronomia, vestuário, – a cultura está mesmo em tudo –, mas também os valores subjacentes, implicações e estruturas sociais que orientam o comportamento das pessoas.

Nesse sentido, é o próprio desenvolvimento cultural e a inteligência humana inter-relacionados com culturas diferentes das de origem (figura 25), que também revelam o quão dinâmicas são as suas interpretações na passagem do tempo na sociedade. Thompson (1995, p.9) reitera que em todas as sociedades, a produção e a troca de formas simbólicas, expressões linguísticas, gestos, ações, obras de arte e outras expressões sociais, são e sempre têm sido, uma característica onipresente da vida social.

Figura 25 - Inteligência Cultural



Fonte: <https://amenteemaravilhosa.com.br/inteligencia-cultural/>

A cultura se molda contínua e diretamente frente às mudanças sociais, tecnológicas, econômicas e políticas de sua sociedade, colocando sua generalidade em constante e crescente transformação e adaptação. Tudo que se tem nesse eixo provém de gradação. Afinal, nada vem do nada. Recria-se o tempo inteiro pautado em algo já vivido, ainda que não seja este um ato consciente. Releituras de situações infinitas surgem, não provocando estranhamento, mas muitas vezes, surgindo no cenário social até como sendo algo extraordinário.

Outro ponto a ser considerado é o fato de as pessoas, nas últimas décadas, muito falarem e estudarem acerca da inteligência emocional – que pode promover um crescimento também intelectual, e não apenas emocional, à medida que se tem habilidade para compreender e perceber a si mesmo e o mundo que nos rodeia. Mas ainda é bastante incomum, feita a proporção, a referência à chamada inteligência cultural, que se dá quando nos relacionamentos com indivíduos de culturas diferentes – entendendo, interagindo, interpretando e respeitando aquela forma de ser e estar.

Quanto maior for a capacidade de interagirmos com pessoas de cultura dissemelhante, maior será a nossa habilidade em não apenas compreender outro universo, mas reconhecer, aprender e ampliar conceitos até então estagnados ou sem qualquer chance de desenvolvimento simplesmente pela ignorância que nos regia acerca de dada vivência.

Em um mundo cada vez mais globalizado, compreender e lidar com a crescente diversidade cultural nunca foi tão necessário. À medida que as pessoas viajam, negociam com pessoas de diferentes origens culturais, inclusive no campo da educação, torna-se fundamental cultivar habilidades para interagir e comunicar de maneira mais satisfatória.

As competências – intercultural, linguística e de comunicação – somada a empatia e adaptabilidade culturais, têm sido foco de estudo para quem já se atentou a essa realidade. Não obstante, disciplinas como sociologia, psicologia, antropologia têm abordado tal questão, tamanha relevância do tema em um mundo cada vez mais interconectado, onde a capacidade de desenvolver essa inteligência se torna fundamental para o sucesso organizacional, além do pessoal.

A inteligência cultural auxilia, inclusive, a evitar mal-entendidos e conflitos decorrentes de diferenças culturais. Algumas referências importantes nesse campo

do conhecimento incluem os trabalhos de autores como Fons Trompenaars¹ e Geert Hofstede² (figuras 26 e 27) que somam contribuições significativas no desenvolvimento de teorias e modelos relacionados à inteligência cultural e à comunicação intercultural, visto que os autores alertam para a relevância da diversidade cultural como resultado de uma programação e construção coletiva.

Figura 26 - Fons x Potencial da Diversidade Cultural

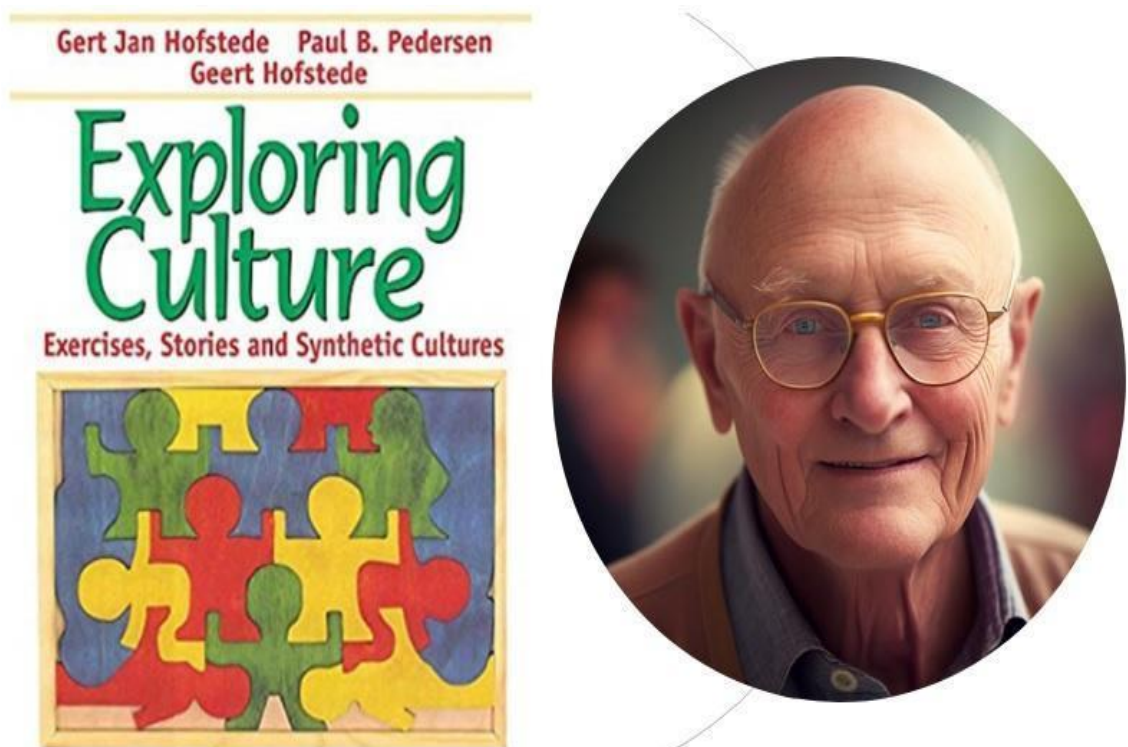


Fonte: <https://www.jla.co.uk/conference-speakers/fons-trompenaars>

¹ **Fons Trompenaars** é um escritor e consultor holandês de renome internacional no campo da comunicação intercultural.

² **Geert Hofstede** (Haarlem, 2 de outubro de 1928 – 12 de fevereiro de 2020) foi um psicólogo holandês, inspirado pelo culturalismo.

Figura 27 - Geert Hofstede x Cultura Coletiva



Fonte: <https://www.clues.life/people/geert-hofstede> e <https://curiousturk.com/2018/11/04/exploring-culture-cultural-dimensions-by-geert-hofstede/>

Por meio dessas situações, é natural entender que há interconexão cultural em tudo que se produz. Como as culturas não existem de forma isolada, como mostra a figura 28, a interação entre elas é frequente, seja por meio de negociações, migração, comunicação ou influência mútua. Essa interconexão cultural pode resultar na adoção de elementos culturais de outros grupos, ampliando o seu poder de alcance e entendimento.

Figura 28 - A(s) Cultura(s)



Fonte: <https://curiousturk.com/2018/11/04/exploring-culture-cultural-dimensions-by-geert-hofstede/>

Nesse processo, a identidade cultural acaba por desempenhar um papel fundamental na formação da identidade das pessoas e das comunidades, pois fornece um conjunto de valores e símbolos compartilhados que ajudam as pessoas a se identificarem como parte de um grupo cultural específico.

Dentro dessas realidades, é normal esperar que desafios sejam impostos e mudanças ocorram à medida que há fusão de conhecimento e cultura de diferentes influências e características. Por isso a generalidade da cultura também inclui a capacidade de adaptação frente aos desafios e mudanças. Essas, na verdade, aparecem como respostas dos diversos aprendizados que ocorrem no processo de aculturação.

Interessante somar a esses desafios a ideia de formação do conhecimento dito *a priori*, que Kant (2012) denominou como sendo “puro” (ver figura 29).

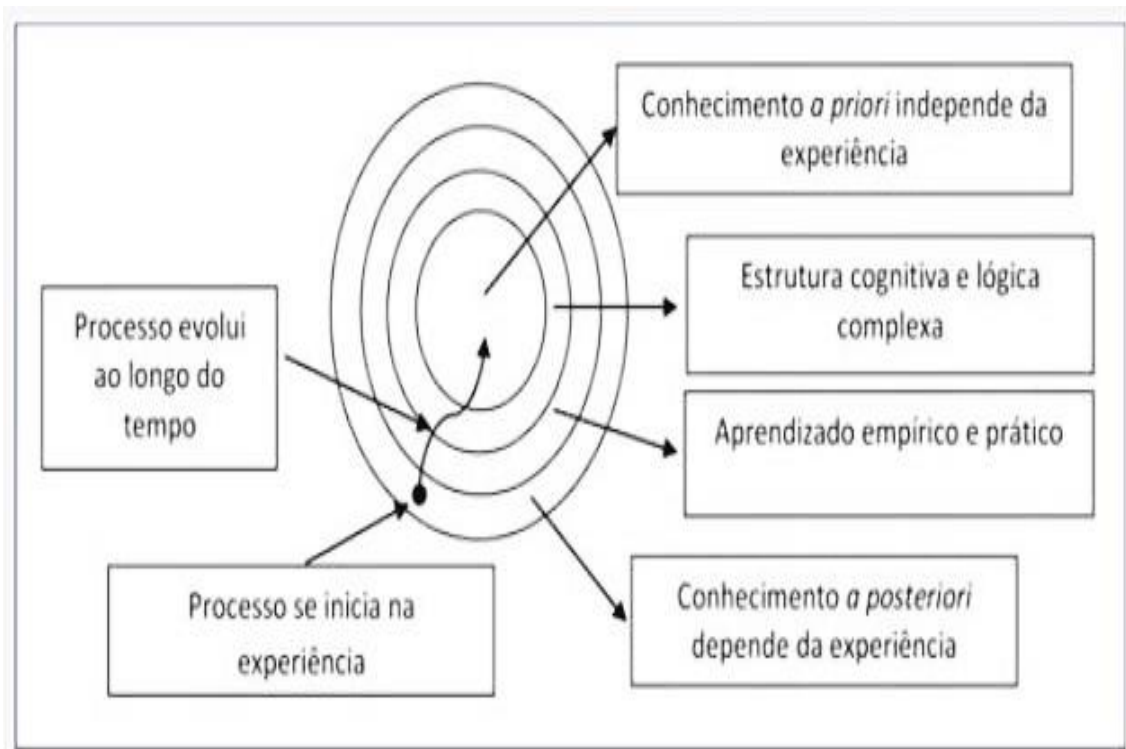
Em resumo, esse processo sugere que a complexidade e estabilização do conhecimento cresce conforme o indivíduo vivencia o que deseja, sendo armazenado em camadas, e esse movimento não requer ou depende de qualquer nível ou tipo de experiência.

Se pararmos para analisar faz sentido, afinal, pode-se dizer que tudo é válido na produção de conhecimento e cultura, ainda mais se estivermos atentos para a

capacidade de algo ou alguém ensinar ou agregar experiências no processo de aprendizado, porque sob esse ponto de vista, até uma experiência mal sucedida trará respostas importantes para os envolvidos.

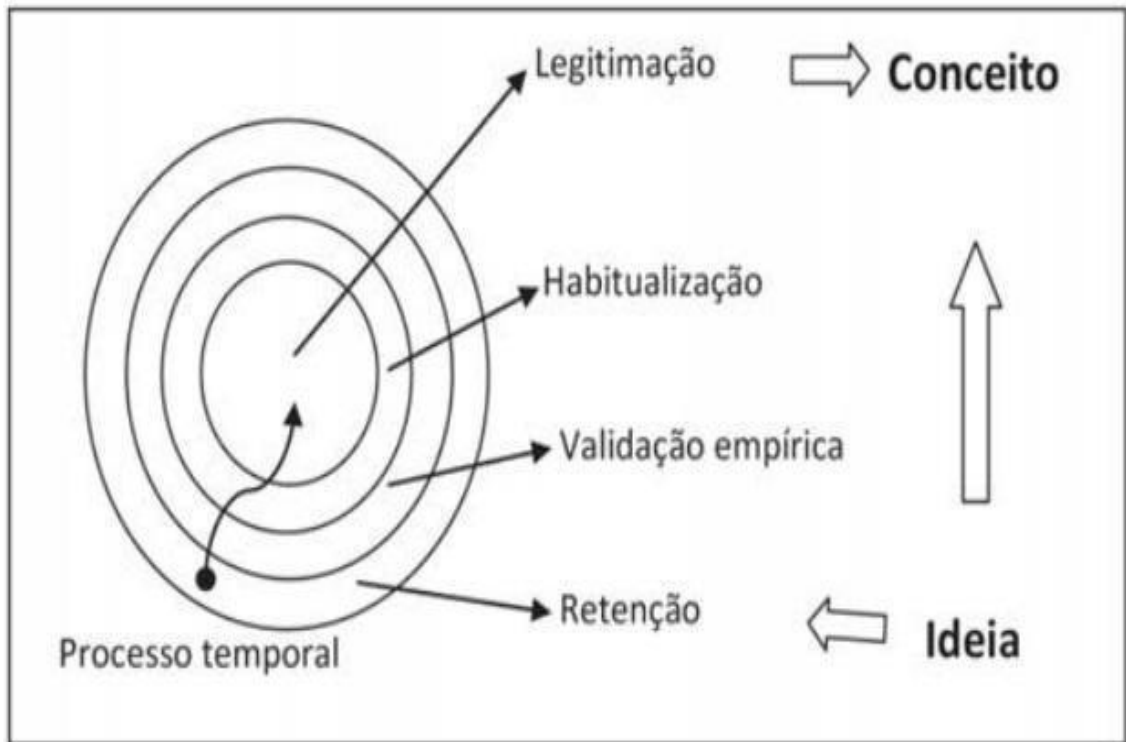
Por isso, a partir do primeiro conhecimento, seja este qual for, estruturas cognitivas e lógicas complexas acabam por serem formadas a ponto de evoluírem para um aprendizado prático. É natural que depois disso, esses processos progridam e, a partir do segundo momento, com o conhecimento já adquirido e tendo um conhecimento *a posteriori* (figura 30), tudo passe a depender da experiência anterior para que se crie um julgamento de valor.

Figura 29 - Conhecimento a Priori



Fonte: <https://www.redalyc.org/journal/3232/323257351008/html/>

Figura 30 - Conhecimento a Posteriori



Fonte: <https://www.redalyc.org/journal/3232/323257351008/html/>

Mas se voltarmos a direcionar e levarmos para o ponto mais importante de todo esse estudo, nada é determinante. Povos podem decidir pela preservação de tradições importantes, mas também podem optar pela flexibilização ou incorporação de novas ideias e influências externas. Dependendo da forma como se dá o processo, o público externo pode nem perceber o que era o antes ou o depois de tal transformação, tamanha a homogeneidade do ato. Por isso, quanto maior for o conhecimento de uma sociedade acerca dela mesma, maior será a capacidade de notar tais transformações e mudanças ao longo das eras.

É importante reconhecer que as culturas não são monolíticas e os indivíduos dentro de uma cultura podem ter diferentes interpretações e práticas culturais. Além disso, as atitudes em relação à cultura podem variar amplamente, desde a promoção da diversidade cultural até o desejo de preservação cultural específica. Em suma, a generalidade da cultura refere-se à natureza ampla e complexa das culturas humanas, que são moldadas por uma variedade de fatores e estão em constante evolução e interação, essa diversidade cultural é uma característica fundamental da sociedade global.

Thompson (1995, p.27) relembra que “Nenhuma ordem social é baseada em

verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento.”

Nesse sentido, nota-se que a cultura e a identidade social estão intimamente relacionadas, uma vez que a cultura desempenha um papel fundamental na formação da identidade de um indivíduo e na forma como este se relaciona com os outros dentro de um grupo social. Para se ter maior dimensão, é importante considerar alguns conceitos com mais detalhes, tais como a própria ideia de civilização, linguagem, valores e crenças, etc.

É na civilização que apre(e)ndemos como referência, o conjunto de crenças, valores, normas, costumes, tradições, arte, linguagem e comportamento compartilhados por um grupo de pessoas.

Mas é no diálogo entre civilização e cultura que podemos refletir e considerar uma outra lente possível de interpretação pela qual se observa o mundo e traça uma série de relacionamentos a partir dela. Algumas características específicas da cultura são igualmente, como na civilização, pautadas na linguagem, nos valores, nas crenças, nas normas sociais, na ilustração e expressão cultural, na identidade social e na identificação de grupo. Sobre elas, entende-se ainda que a linguagem, e por consequência, o possível diálogo, são partes centrais da cultura porque permitem a comunicação entre membros de um grupo e transmitem significados e valores culturais muito particulares.

Como produto dessa formação coletiva, cada cultura tem seus próprios valores e crenças, que influenciam diretamente numa ampliação maior da moralidade, das atitudes em relação à família, do trabalho e de outros aspectos da vida. Essas atitudes também estão intrinsicamente vinculadas às normas sociais, que por meio de regras de comportamento, orientam as interações sociais em uma cultura específica, determinando o que é considerado aceitável ou inaceitável na sociedade.

Outros componentes sociais como diversas expressões culturais, tais como ilustração, música, dança e outras formas expressivas (figura 31) são uma parte importante da identidade cultural de um grupo. Ressalta-se isso, visto que o conceito de cultura em algumas sociedades é muitas vezes restrito como sinônimo de artes, espetáculos ou simplesmente experimento de lazer restrito a determinados indivíduos ou classes. A imagem a seguir expressa de forma clara como a pseudo cultura de um grupo pode ser opressora de outros grupos considerados por aquela como inferior, indiferente e até mesmo inexistente.

Figura 31 - Zoológico Humano



Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/mundo/everdade-foto-de-crianca-negra-em-zoologico-humano-foi-feita-na-belgica-em-1958-19325803.html>

Eis o que ficou conhecido como sendo o Zoológico Humano, na Bélgica, em 1958. Esses inomináveis espaços eram sinônimo de lazer e perduraram em muitos lugares na Europa até pouco antes da década de 60: anões, portadores de necessidades especiais, negros e diversos indivíduos considerados como aberrações da natureza eram expostos como forma de entretenimento e espetáculo artístico.

O relato acima reafirma, de certa forma, que a identidade cultural de um grupo é cumulativamente uma expressão direta de identidade social, que é a concepção que um indivíduo tem de si mesmo em relação ao grupo ao qual pertence. Tal identidade é moldada pela cultura, mas também por outros fatores como a identificação do grupo, a origem cultural, a nacionalidade, a religião, o gênero, a etnia, a classe social, a orientação sexual, e assim por diante. E essa dita identidade, por muitas vezes, extrapola os limites do direito e do respeito.

Por esses e outros aspectos, é necessário lembrar que a cultura é compartilhada. Ela é um conjunto de elementos compartilhados por um grupo de pessoas, que podem incluir valores, crenças, normas, símbolos, linguagens, práticas e interpretações.

Transmitida de geração em geração, a cultura se molda conforme a forma

como os membros do grupo veem e interagem com o mundo ao seu redor. Assim sendo, a cultura é capaz de se adaptar às condições e aos desafios do seu ambiente, possibilitando novas práticas culturais que podem ser adaptadas para satisfazer as necessidades atuais, tais como a adoção de novas tecnologias ou a criação de novas tradições. É preciso se atentar às diferenças de entendimento sobre o que é ou não cultura, e nesse sentido, Geertz explica:

As tentativas de localizar o homem no conjunto dos seus costumes assumiram diversas direções, adotaram táticas diversas; mas todas elas, ou virtualmente todas, agiram em termos de uma única estratégia intelectual ampla: a que eu chamarei, de forma a ter uma arma a brandir contra ela, de concepção "estratigráfica" das relações entre os fatores biológico, psicológico, social e cultural na vida humana. De acordo com essa concepção, o homem é um composto de "níveis", cada um deles superposto aos inferiores e reforçando o que estão acima dele. À medida que se analisa o homem, retira-se camada após camada, sendo cada uma dessas camadas completa e irredutível em si mesma, e revelando uma outra espécie de camada muito diferente embaixo dela. Retiram-se as variadas formas de cultura e se encontram as regularidades estruturais e funcionais da organização social. Descascam-se estas, por sua vez, e se encontram debaixo os fatores psicológicos — "as necessidades básicas" ou o-que-tem-você — que as suportam e as tornam possíveis: Retiram-se os fatores psicológicos e surgem então os fundamentos biológicos — anatômicos, fisiológicos, neurológicos — de todo o edifício da vida humana (Geertz, 2008, pg 28) .

Na referência acima, Geertz , 2008, argumenta acerca da "visão estratigráfica" das interações entre os fatores biológico, psicológico, social e cultural na existência humana. Essa argumentação nos possibilita refletir sobre uma recriação no ano de 2005 (figura 32), onde a artista Kim Phuc e seus familiares reconstituíram a foto de 8 de junho de 1972, em que a menina então com nove anos surge correndo nua com o corpo queimado por napalm durante a Guerra do Vietnã, um dos irmãos da vietnamita morreu poucos dias antes da fotografia mais recente ser tirada.

Figura 32 - A Menina da Foto



Fonte: <https://veja.abril.com.br/mundo/a-menina-da-foto-a-historia-por-tras-de-um-simbolo-da-guerra-do-vietna>

Compreende-se, nesse caso, que a Arte em seu aspecto mais geral como na foto divulgada exerce grande influência comportamental mundo afora, já que desempenha um papel importante no comportamento das pessoas, além de definir o que é ou não aceitável, orientando ações e interações sociais. Por exemplo, as normas culturais podem ditar a forma como as pessoas se cumprimentam, se vestem, se comportam em casamentos e funerais, e assim por diante. A cultura é potencialmente simbólica, e desempenha um papel vital na sociedade. Os símbolos culturais podem incluir diferentes artefatos, tais como bandeiras, monumentos, arte, música e até gestos e expressões faciais. Esses símbolos têm significados específicos dentro de uma cultura e são frequentemente usados para transmitir ideias e sentimentos. Dessa forma, não é de se espantar que a cultura seja diversificada: o mundo é extremamente múltiplo nesse sentido. Cada sociedade tem sua própria cultura, tradições e valores únicos. Esta diversidade cultural enriquece a experiência humana em inúmeros outros sentidos e apreensões, somando aspectos positivos e/ou negativos.

Segundo Montaigne (1984) “Na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra” (apud Laraia, 2007, p.13) ,que procurou refletir sobre não

se espantar em demasia com os costumes dos Tupinambá, de quem teve notícias, conhecimento, chegando mesmo a ter contato com três deles em Ruão, afirmando não ver nada de bárbaro ou selvagem no que diziam a respeito deles.

A cultura é potencialmente simbólica, e desempenha um papel vital na sociedade, em que os símbolos culturais podem incluir diferentes artefatos, tais como: bandeiras, monumentos, Arte, música e até gestos e expressões faciais. Esses símbolos têm significados específicos dentro de uma cultura e são frequentemente usados para transmitir ideias e sentimentos.

É válido ressaltar que a cultura pode levar tanto ao conflito quanto à compreensão, isso ocorre pelo fato das diferenças culturais poderem culminar de igual forma em mal-entendidos e conflitos, bem como proporcionar oportunidades de aprendizagem e enriquecimento mútuo.

Compreender diferentes culturas, promove a tolerância e a cooperação global e ajuda na formação da identidade de um indivíduo. Respeitar as mudanças particulares de cada sociedade, torna-se portanto, imprescindível na apreensão ao menos teórica, das possíveis existências culturais além da própria, recebida, entendida e/ou adquirida e aceita.

É nessa abertura de entendimento e conhecimento, que as possibilidades de extensão cultural vão se tornando possíveis aos mais diversos indivíduos. Geertz (2008, p.27) enfatiza que existe uma falta de autoconsciência sobre modos de representação para um conceito mais viável sobre o homem, no qual a cultura e a variabilidade cultural possam ser mais levadas em conta do que concebidas como capricho ou preconceito e, no entanto, ao mesmo tempo, um conceito no qual o princípio dominante na área, "a unidade básica da humanidade", não seja transformado numa expressão vazia.

A variedade da cultura em si também afeta a forma como as pessoas se veem e como os outros as veem. É na identidade cultural que muitas vezes se encontra a base principal de uma personalidade, intransferível, esse é um aspecto importante da experiência humana, pois afeta crenças e comportamentos, definindo muitas vezes as interações e os círculos sociais.

Dinâmico e multifacetado, esse fenômeno desempenha um papel crucial na formação da sociedade e na maneira como as pessoas vivenciam o mundo que as rodeia. Cores, cheiros, sabores, curvas, retas, sombra, luz, percepções múltiplas de tudo que existe e que traduzem cenários, enredos, personagens, indivíduos que

compõem a sociedade em seus mais ricos e excêntricos detalhes. Tudo pode ser visto ou sentido numa rica gama de experiências que montam e remontam freneticamente questionamentos infinitos ao longo das eras numa tentativa quase inútil de definição, já que isso faria da cultura algo irreversivelmente parco, sem brilho, limitante, restrito e pequeno. Se isso já não fosse motivo para tantos desencontros, maior seria a aflição humana diante de tanto cerceamento e concomitante incompreensão dos sentidos.

Laraia (2007, p.69) diz que homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas, desse modo:

Por exemplo, a floresta amazônica não passa para o antropólogo — desprovido de um razoável conhecimento de botânica — de um amontoado confuso de árvores e arbustos, dos mais diversos tamanhos e com uma imensa variedade de tonalidades verdes. A visão que um índio Tupi tem deste mesmo cenário é totalmente diversa: cada um desses vegetais tem um significado qualitativo e uma referência espacial. Ao invés de dizer como nós: "encontro-lhe na esquina junto ao edifício x", eles frequentemente usam determinadas árvores como ponto de referência. Assim, ao contrário da visão de um mundo vegetal amorfo, a floresta é vista como um conjunto ordenado, constituído de formas vegetais bem definidas (Laraia, 2007, p.69).

A cultura, portanto, acaba por abarcar costumes, experiências, valores, símbolos, línguas e diferentes visões compartilhadas por membros de uma sociedade. Consciente e intencionalmente, apenas o humano é capaz de reproduzir e (re)criar o seu mundo, partindo de revoluções internas ou externas, na multiplicação de sentidos e entendimentos intrínsecos à vivência humana. Brandão (2002, p.27) é pontual e absolutamente assertivo quando diz que:

Entre nós e os animais da Terra há muitas semelhanças biológicas, genéticas e mesmo psicológicas. Por isso, mesmo sem possuímos por enquanto uma linguagem comum, em boa medida nós nos entendemos. Mas há também diferenças relevantes, e uma delas é essencial. Podemos chamá-la de cultura. E no caminho percorrido em larga escala por eles e nós, mas que de um ponto em diante se divide e nos leva por trilhas diferentes em direção — quem sabe? — de um mesmo horizonte, a experiência da cultura é toda a diferença.

Por assim dizer, o universo pode até não existir em si mesmo, mas porque o indivíduo o compreende assim, isso basta. Da mesma forma, a natureza e também outras manifestações possíveis de realidades coexistem ou existem e não dependem do indivíduo para tanto, porém o reconhecimento de universo ocorre porque é o indivíduo que se manifesta com atribuições que acabam por defini-lo como algo pertencente ao universo humano e, portanto, cultural.

Mesmo sem o mínimo conhecimento acerca de semiótica, signo, significado e

significantes são traçados pelos indivíduos com a mesma velocidade com que se forma uma sociedade cheia de regras, (pré)conceitos, características e conflitos que podem levá-la à deformação de si mesma, visto que nada é estático, tudo permanece em ebulição.

2.2 A crise da identidade cultural na pós-modernidade

A Pós-Modernidade surge na década de 60 como um estado conceitual da Modernidade que se estabelece a partir de mudanças históricas, sociais, políticas, filosóficas, científicas, culturais e artísticas. Nessa perspectiva, para Lyotard, o pós-moderno se refere à “posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas” (Lyotard, 2015, p. 15) .

A identidade cultural, embuída de uma dinâmica progressiva em sua (re)construção é ainda nos dias atuais, um tema complexo e controverso, já que a pós-modernidade é caracterizada por uma série de mudanças sociais, políticas e filosóficas que afetam a forma como as pessoas percebem e vivenciam a identidade, decorrente da própria fragmentação e heterogeneidade de sua cultura.

Se em outrora, as atribuições culturais eram tidas e apreendidas como ordens inquestionáveis para resoluções de divergências, é no diálogo e questionamento dos fatos e determinações que as mudanças, inclusive culturais, vão ocorrendo. De acordo com Laraia (2007,p. 86):

Nem sempre, porém, a falta de comunicação acontece porque um padrão de comportamento foi quebrado, mas porque às vezes os padrões não cobrem todas as situações possíveis. Tal fato ocorre em períodos de mudança cultural e, principalmente, quando estas são determinadas por forças externas, quando surgem fatos inesperados e de difícil manipulação. São situações sem precedentes e que, portanto, não são controladas pelo conjunto de regras ordinárias. Nem sempre os indivíduos envolvidos conseguem utilizar sua tradição cultural para contorná-las sem provocar conflitos.

Fato inquestionável, portanto, é que, na pós-modernidade as estruturas tradicionais que proporcionavam estabilidade e coerência às identidades culturais estão em certo declínio. Isso se dá pelo fato direto das pessoas serem influenciadas por diversas culturas o tempo todo, o que acaba por resultar no exercício individual da possibilidade de experimentação, conhecimento e reconhecimento de múltiplas identidades culturais, e que, por sua vez, podem ainda disponibilizar aos sujeitos sociais o acesso e possibilidade de vivência em diferentes influências culturais

globais.

Eis a vivência da desconstrução de narrativas dominantes. Tais narrativas, incluindo narrativas culturais que outrora definiram a identidade do grupo, podem levar a uma perda de continuidade histórica e a um sentido de identidade partilhada, o que nos dá também a possibilidade de problematizar a questão da globalização da cultura do consumo e seus possíveis resultados (figura 33).

Figura 33 - Cultura x Consumo



Fonte: <https://www.brasileiraspelomundo.com/finlandia-a-cultura-de-consumo-parte-1-361248190>

A sociedade do consumo, pode de certa forma homogeneizar a cultura em todo o mundo, o que por sua vez, possibilitaria de certa forma, a perda da identidade cultural local e um apego crescente à cultura globalizada. Somada a essa vertente, o individualismo e a escolha pessoal tomam maior importância na sociedade, já que no pós-modernismo, o individualismo simboliza o encorajamento das pessoas em criarem as suas próprias identidades a partir dos vários recursos culturais disponíveis.

Por mais libertador que isso possa ser para alguns, para outros pode gerar ansiedade e incerteza, visto que possibilita suscitar a dúvida sobre quem se é e a que grupo se pertence.

Geertz (2008, p.38) diz que assim como a cultura nos modelou como espécie

única, e sem dúvida alguma, ainda nos está modelando, assim também ela nos modela como indivíduos separados e é isso o que temos realmente em comum: nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido. Nessa proposta, as diversas explicações sociais, culturais e globais podem traduzir apenas e tão somente a visão maior de quem a explica, no que Rancière diz:

O procedimento próprio do explicador consiste nesse duplo gesto inaugural: por um lado, ele decreta o começo absoluto — somente agora tem início o ato de aprender; por outro lado, ele cobre todas as coisas a serem aprendidas desse véu de ignorância que ele próprio se encarrega de retirar. Até ele, o pequeno homem tateou às cegas, num esforço de adivinhação. (Rancière, 2002, p. 20)

Assim, quase que naturalmente, vem acoplada ao processo de construção cultural, a identidade como construção social, pois a pós-modernidade questiona a ideia de identidades culturais fixas e essencialistas, em seu lugar cogita a identidade como uma construção social fluida e mutável que pode ser moldada e adaptada ao longo do tempo.

Mas, como tudo vem em escalas, a diversidade e o pluralismo terminam por marcar desafios constantes e criam oportunidades para a coexistência de diferentes identidades culturais. Por sua vez, identidade e política ganham espaço na discussão, já que não faltam questões relacionadas à identidade cultural, multiculturalismo, inclusão e direitos das minorias, que são temas centrais em muitos debates sociopolíticos pós-modernos.

Nota-se, portanto, que a pós-modernidade impõe desafios significativos à compreensão e à vivência da identidade cultural, que em constante mudança, são fragmentados e influenciados por uma série de fatores, incluindo a globalização, o pluralismo e as mudanças na forma como as narrativas culturais são construídas.

A crise de identidade cultural da pós-modernidade levanta questões pertinentes sobre como as pessoas se veem, como se relacionam com os outros e como a sociedade responde à diversidade cultural e à mudança social.

Todas essas possibilidades são exercidas através da mediação sociocultural, ilustrada na figura 35, mostrando elementos de identidade cultural, uma ferramenta imprescindível no reconhecimento do conhecimento maior de um sujeito.

Figura 34 - Elementos de Identidade Cultural



Fonte: <https://cejaconsciente.blogspot.com/2019/04/cultura-identidade-e-diversidade.html>

Segundo Darras (2009, p.39) existem três modos de se praticar a mediação sociocultural, sendo eles: o método imersivo, o diretivo e o construtivista.

O imersivo é definido sucintamente pelo autor como o processo de mediação que se faz de maneira não-formal no meio cultural. O diretivo é compreendido como a mediação sendo um dispositivo formal de transmissão de conhecimentos “eruditos”, portanto que descendem “daqueles que sabem” para “aqueles que não sabem. E o construtivista configura as mediações como negociações que implicam interativamente os parceiros de troca.

Nessa construção de práticas, o autor explica que a mediação por imersão se dá sem a presença de um mediador, contudo é realizada com auxílio de placas e panfletos informativos, por exemplo. Já a mediação diretiva se dá com a presença de um mediador e é mais conhecida por ser o método mais tradicional, onde apenas o mediador dispõem do conhecimento. E, por último, a mediação construtivista, que se dá por meio da construção do conhecimento entre o público e o mediador, tendo assim sua forma mais rica, onde tanto o mediador quanto o público já trazem um conhecimento e trabalham em conjunto.

A construção da cultura e da própria identidade do sujeito abre um leque de outras tantas interpretações e citações próprias, que convergem mais uma vez para

novos padrões e complexos culturais, resultantes de diversas áreas, configurações e relativismos estruturais.

Por mais abstrato possa ser essa construção é na concretude desses conceitos e ideias que as nuances de povos são passíveis de perfilamento e definições que limitam e ampliam cada existência. Da somatória de vivências e situações inúmeras ao longo do tempo essas construções podem se tornar tão fortes que da origem aos dias vividos ninguém mais sabe o ponto de partida, pois aquilo que um dia fora individual passou a ser coletivo, e quanto mais significativa a sua estrutura, maior a chance não apenas de sobreviver aos tempos, mas de ser reconhecido como verdadeira herança cultural. Fato que nada vem do nada. Pode-se desconhecer muitas vezes determinada origem de dada cultura, mas suas características reverberam enraizadas naqueles que a propaga.

Laraia (2007, p. 69-70) diz que a nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Seria por isto, ainda segundo o autor, que discriminamos o comportamento desviante.

Que todas as sociedades humanas dispõem de um sistema de classificação para o mundo natural parece não haver mais dúvida, entretanto, é importante reafirmar que esses sistemas divergem entre si, porque a natureza não tem meios de determinar ao homem um só tipo já sistematizado.

Assim sendo, fato claro estabelecido em relação à identidade cultural, é que diversos aspectos acabam por influenciar de forma única e individual o comportamento identitário de cada sujeito que integra a sociedade. Nesse sentido, Coelho conceitua:

O conceito de identidade cultural, noção-chave em muitas políticas culturais, aponta para um sistema de representação (elementos de simbolização e procedimentos de encenação desses elementos) das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo. No núcleo duro da identidade cultural - aquele que menos se desbasta através dos tempos, mesmo nas situações de distanciamento do território original - aparecem a tradição oral (língua, língua sagrada, língua sagrada secreta, narrativas, canções), a religião (mitos e ritos coletivos, de que são exemplos as peregrinações ou a absorção de drogas sagradas) e comportamentos coletivos formalizados. Como extensões desse núcleo duro, surgem os ritos profanos (carnaval, manifestações folclóricas diversas), comportamentos informalmente ritualizados (ir à praia, freqüentar espetáculos esportivos) e as diversas manifestações artísticas (Coelho, 1997, p.200).

2.3 Cultura ou Culturas? Uma discussão acerca da apropriação da definição midiática

Com todo o respaldo teórico reflexivo discutido até aqui, é imprescindível esclarecer que o termo “Cultura” ou “Culturas” depende diretamente do contexto ao qual o sujeito está se referindo. A palavra “cultura” é frequentemente usada de duas maneiras distintas. Ao usar “cultura” no singular, geralmente há uma referência a um conceito amplo que abrange os elementos culturais compartilhados por um grupo maior ou pela sociedade como um todo.

Neste contexto, vê-se a cultura como um fenômeno global, amplo e partilhado que abrange os valores, normas, crenças e práticas partilhadas por uma determinada comunidade. Por exemplo, pode-se dizer: “A cultura japonesa valoriza o respeito pelos mais velhos”. Por outro lado, quando o termo “culturas” (no plural) é usado, há uma referência às muitas expressões culturais diferentes que existem em diferentes grupos, regiões ou sociedades, reconhecendo a diversidade cultural e a coexistência de diferentes grupos culturais. Por exemplo, pode-se dizer: “Como a cidade de São Paulo tem uma população diversificada, existem muitas culturas diferentes”.

Ambos os termos (singular ou plural) são importantes para uma compreensão plena das complexidades culturais de uma sociedade globalizada, já que na sociedade contemporânea, as influências culturais e midiáticas estão intrinsecamente ligadas. A mídia, atuante nas diversas esferas da sociedade, desempenha um papel importante na formação, promoção e disseminação da cultura, influenciando não apenas a forma como as pessoas percebem o mundo, mas também como constroem suas identidades e interações variadas.

São inúmeras as maneiras pelas quais as influências da cultura e da mídia estão relacionadas entre si, desempenhando um papel importante na divulgação da cultura popular.

Os meios de comunicação social, incluindo notícias, programas de entretenimento e redes sociais, têm o poder de moldar as opiniões e os valores das pessoas, influenciando, ainda que indireta e inconscientemente a forma como as questões culturais, sociais e políticas são percebidas, debatidas e validadas.

Os noticiários e os programas de televisão podem influenciar a opinião pública sobre diversas questões como a igualdade de gênero, a diversidade racial, a religião e outros temas culturais. Filmes, programas de TV, música e mídias sociais têm o

poder de popularizar tendências culturais, modas, linguagem e comportamentos, o que pode levar à disseminação global de elementos culturais específicos, bem como contribuir para a formação e perpetuação de estereótipos culturais e sociais.

As influências culturais acabam por nortear vários outros aspectos formativos de uma dada cultura. Nesse sentido, Geertz (2008, p. 20) afirma que a interpretação real da cultura deveria ser um argumento no sentido de remodelar o padrão das relações sociais. Ele compreende que nesse sentido seja necessário reordenar as coordenadas do mundo experimentado, já que as formas da sociedade são a substância da própria cultura.

Seguindo essa preposição, a influência midiática tem total relevância na participação da construção de representações negativas ou simplistas de grupos raciais, culturais ou sociais podendo afetar de forma inclusive estratégica a percepção pública e a identificação destes grupos. Na relação de arte e cultura no Japão, por exemplo, essas influências podem ser percebidas claramente em quatro subcategorias na moda. São elas: Visual Key, Decora, Lolita e Gyarū, conforme figuras 35, 36, 37 e 38.

Figura 35 - Visual Key



Fonte: <https://coisasdojapao.com/2018/02/conheca-quatro-estilos-fashion-do-japao-e-ainda-influenciam-os-jovens/>

Figura 36 - Decora



Fonte: <https://coisasdojapao.com/2018/02/conheca-quatro-estilos-fashion-do-japao-e-ainda-influenciam-os-jovens/>

Figura 37 - Lolita



Fonte: <https://coisasdojapao.com/2018/02/conheca-quatro-estilos-fashion-do-japao-e-ainda-influenciam-os-jovens/>

Figura 38 - Gyararu



Fonte: <https://coisasdojapao.com/2018/02/conheca-quatro-estilos-fashion-do-japao-e-ainda-influenciam-os-jovens/>

Em relação a construção de identidade, a mídia desempenha um papel importante nesse processo tanto individual como coletivo, fornecendo modelos, narrativas e imagens que as pessoas usam para construir as próprias identidades culturais. Assim, as representações de diferentes grupos raciais e culturais nos meios de comunicação podem afetar a forma como as pessoas de diferentes origens são identificadas, percebidas e validadas (Ver figura 39).

Figura 39 - Identidade (s)



Fonte: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/2/a-construo-da-identidade-vista-na-escola-desafios-e-perspectivas>

Recentemente, o famoso jogador português de futebol, Cristiano Ronaldo, viveu uma situação no mínimo absurda diante da cultura ocidental. Sendo casado com Georgina Rodriguez, o jogador abraçou uma pintora iraniana, Fatemeh Hamami, que tem 85% do corpo paralisado, e que presenteou o atleta com um quadro pintado por ela com os pés, em um evento no Teerã. Ronaldo, em sinal de agradecimento, abraçou e tirou fotos com a artista, presenteando-a com uma camisa sua (figura 40). A situação foi o bastante para que um grupo de leigos iranianos pedissem à Justiça daquele país pela condenação do jogador. Isso porque a artista é solteira e o abraço dado pelo jogador, que é comprometido, constitui naquela cultura crime de adultério, tendo como pena 100 chibatadas.

Em comunicado, a Embaixada do Irã na Espanha negou que tenha havido qualquer decisão judicial contra qualquer atleta estrangeiro no país, mas o que chama a atenção é algo maior do que a suposta confirmação de tal decisão: desconhecer a cultura de um povo pode ser muito perigoso.

Nesse episódio em questão, talvez pelo fato de o jogador ser extremamente famoso e bem sucedido em sua profissão, seja suficiente para que tal prática do Teerã seja sublimada. No entanto, um cidadão comum dentro do mesmo enredo certamente

sofreria a pena constituída, porque, sem prestígio o que valeria seria apenas a lei.

Não se sabe ainda o desenrolar final desse acontecimento, mas o desconhecimento de uma cultura pode acarretar problemas dos mais variados níveis. Numa situação como essa, Cristiano Ronaldo voltará a pisar no país sob risco de cumprir tal pena? À cultura ocidental, ainda mais tendo o gesto de agradecimento ao presente como ponto de partida, soa completamente arbitrária e incoerente uma pena que constitui numa agressão que remonta, inclusive, à escravidão: chibatadas foram amplamente desferidas contra povos que, sem condições de se organizarem socialmente, por motivos inúmeros que não cabem agora desfilar, sofreram por décadas com maltratos que, em geral, a mesma história ocidental tenta minimizar ou apagar.

Aquilo que, bem ou mal, é retrógrado na maior parte dos países ocidentais, é ponto de partida de rendição em países ainda como o Teerã. E sem o conhecimento local, Cristiano Ronaldo ultrapassou uma barreira que poderia ter sido impedida, caso ele tivesse o mínimo de conhecimento acerca de tal povo. Na falta que um assessor ou parte da equipe que o acompanhava tivesse explicado a ele, antes do ato, de que ele não poderia se comportar de tal maneira, o final desse enredo possivelmente seria outro. A falta de conhecimento cultural, portanto, favorece as situações que, esdrúxulas ou não, a depender do ponto de referência, poderiam ser evitadas.

Figura 40 - CR7 X Diferenças Culturais



Fonte: <https://www.megacidade.com/noticia/51225/cristiano-ronaldo-conhece-artista-iraniana-que-pinta-com-os-pes>

Nesse enlace midiático, os meios de comunicação também promovem frequentemente o consumo cultural, incentivando as pessoas a adquirirem produtos, estilos de vida e comportamentos específicos associados a determinadas culturas. Isso pode influenciar as escolhas de consumo e os padrões comportamentais das pessoas, e não para por aí, como meio de comunicação universal, as redes sociais desempenham um papel cada vez mais importante na criação e disseminação da cultura, ainda que digital.

Pessoas utilizam plataformas de redes sociais para partilhar experiências culturais, criar comunidades virtuais e participar de debates culturais. Em suma, a influência midiática desempenha um papel importante na construção, divulgação e transformação da cultura, moldando a forma como percebemos o mundo e a nós mesmos, influenciando nossas identidades culturais e interações sociais.

Em contrapartida, a cultura também afeta o conteúdo dos meios de comunicação social, porque estes meios refletem e respondem frequentemente às tendências e valores culturais da sociedade.

A interação entre cultura e mídia é uma característica fundamental da sociedade contemporânea. Mas tendências, por sua vez, também podem ser perigosas, visto que o ato de adotar ou incorporar elementos de uma cultura minoritária por membros de uma cultura dominante, muitas vezes sem compreender ou respeitar o significado cultural original desses elementos, pode fundamentalmente contextualizar uma dinâmica de apropriação cultural, sendo uma prática frequentemente criticada por ser considerada desrespeitosa, exploradora e prejudicial à cultura de origem.

A apropriação cultural envolve a adoção de elementos específicos de uma cultura por membros de outra cultura, podendo incluir roupas, penteados, música, comida, símbolos, práticas espirituais, Arte e linguagem. O tema ainda é controverso e gera polêmicas (figuras 41 e 42).

Figura 41 - Tradição x Fantasia



Fonte:

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/apropriacao-cultural.htm>

No ano de 2023, a influenciadora Virginia Fonseca foi acusada de apropriação cultural por conta de suas tranças e abriu uma discussão midiática sobre o tema.

Figura 42 - Apropriação Cultural



Fonte: <https://gente.ig.com.br/colunas/gabriel-perline/2023-02-03/virginia-e-acusada-de-apropriacao-cultural-apos-aparecer-de-trancas.html>

Num sentido geral da apropriação cultural, constata-se que a mesma ocorre frequentemente quando existe uma assimetria de poder entre a cultura dominante e a cultura de origem. Isto significa que as culturas dominantes tendem a ter maior influência social, política e econômica, enquanto as culturas de origem tendem a ser marginalizadas ou oprimidas.

Estudiosos e críticos da apropriação cultural, consideram-na desrespeitosa porque muitas vezes envolve a apropriação de elementos culturais sem levar em conta o significado cultural original ou a tradição associada a esses elementos. Isso pode diluir ou distorcer a cultura de origem. Laraia conclui que:

cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (Laraia, 2007, p.105).

A apropriação cultural também pode levar a estereótipos e à redução da cultura de origem. Isso pode reforçar preconceitos e ignorar a diversidade dentro de uma cultura, em alguns casos envolve ainda a exploração comercial de elementos culturais de uma forma que gera lucro para alguns empresários interessados não em suas origem, mas em seu poder de alcance ou demanda. Nesse lucro “questionável”, a comunidade de origem pode não se beneficiar financeiramente e até mesmo ser prejudicada.

Por tais circunstâncias rotineiras, muitos defensores da consciência cultural acreditam que as pessoas devem reconhecer as origens dos elementos culturais que adotam e considerar, portanto, o contexto cultural ao fazê-lo. Isso ajuda a prevenir a apropriação cultural prejudicial. Mais uma vez, constata-se que pode ser apropriadamente benéfico envolver-se no intercâmbio cultural num contexto de respeito mútuo, diálogo e aprendizagem genuína. É importante reconhecer e respeitar as fronteiras culturais e garantir que os intercâmbios culturais sejam justos e consensuais. Ao mesmo tempo, num mundo cada vez mais globalizado, as pessoas se sentem tentadas a aderir àquilo que julgam bonito ou, aos olhos de muitos, ousado ou exótico e que, justamente por ter uma cultura completamente diferente daquela então contemplada, passa a querer a incorporar tais realidades para dentro da sua. Em geral, a confusão se forma.

Constata-se, assim que a apropriação cultural é uma questão complexa e controversa, já que envolve a adoção de elementos de uma cultura por membros de outra cultura. Contexto, poder e respeito devem ser considerados ao fazê-lo para evitar desrespeitar ou danificar a cultura de origem. O diálogo, a consciência cultural e o respeito mútuo desempenham papéis importantes na abordagem de questões de apropriação cultural de uma forma ética e responsável.

É imprescindível lembrar a todo tempo que a cultura desempenha um papel fundamental no funcionamento da sociedade e na forma como as pessoas interagem umas com as outras, e ao constatar uma ampla gama de elementos, incluindo valores, crenças, normas, costumes, tradições, linguagem, arte, música, religião e muito mais, é preciso entender que as diferenças culturais referem-se a diferenças nestes elementos entre diferentes grupos ou sociedades.

Talvez essa espécie de crise de identidade cultural tenha nascido da discussão de pontos-chave sobre cultura e diferenças culturais, que estabelece alguns parâmetros tais como: a cultura é aprendida, isto é, não é algo com que se nasce; a cultura é adquirida.

Constata-se, portanto, que pode ser devidamente benéfico envolver-se no intercâmbio cultural num contexto de respeito mútuo, diálogo e aprendizagem genuína.

Nessa aquisição, as pessoas aprendem sua cultura por meio da socialização, educação e interações com outros membros da sociedade. Isso inclui aprender normas comportamentais, linguagem e valores culturais; a diversidade cultural do mundo é incrível, pois existem milhares de culturas diferentes no mundo, cada uma com suas características únicas; a cultura desempenha um papel importante na formação da identidade das pessoas, já que muitas vezes identificam-se fortemente com a sua cultura de origem e consideram-na uma parte importante de quem são; cada cultura tem suas próprias normas e regras de comportamento, já que estabelece o aceitável em sua cultura, o que pode ser considerado rude ou inapropriado noutra; o idioma é uma parte importante da cultura e as diferenças linguísticas podem levar a mal-entendidos e desafios na comunicação entre pessoas de diferentes origens culturais.

Tão importante quanto os outros aspectos dessa identidade cultural, as crenças religiosas desempenham um papel importante em muitas culturas e podem influenciar a moral, os valores e os rituais culturais, assim como a alimentação que costuma ser

um aspecto central da cultura, podendo os alimentos tradicionais variar muito entre as culturas.

Nesse emaranhado identitário, a expressão artística, incluindo pintura, música, dança e literatura, é moldada pela cultura e pode variar muito entre grupos culturais.

Essas e tantas outras diferenças culturais podem levar a mal-entendidos, conflitos e desafios em contextos interculturais, tais como negócios internacionais ou interações entre diferentes grupos étnicos.

Ainda que a globalização tenha diminuído a distância entre culturas e assim, promovido interações entre pessoas de diferentes origens culturais, aprofundando a compreensão e a aceitação das diferenças culturais, sem o conhecimento, o diálogo, o respeito e reconhecimento dessas diferenças, desafios à proteção das tradições culturais locais ou não sempre estarão em conflito.

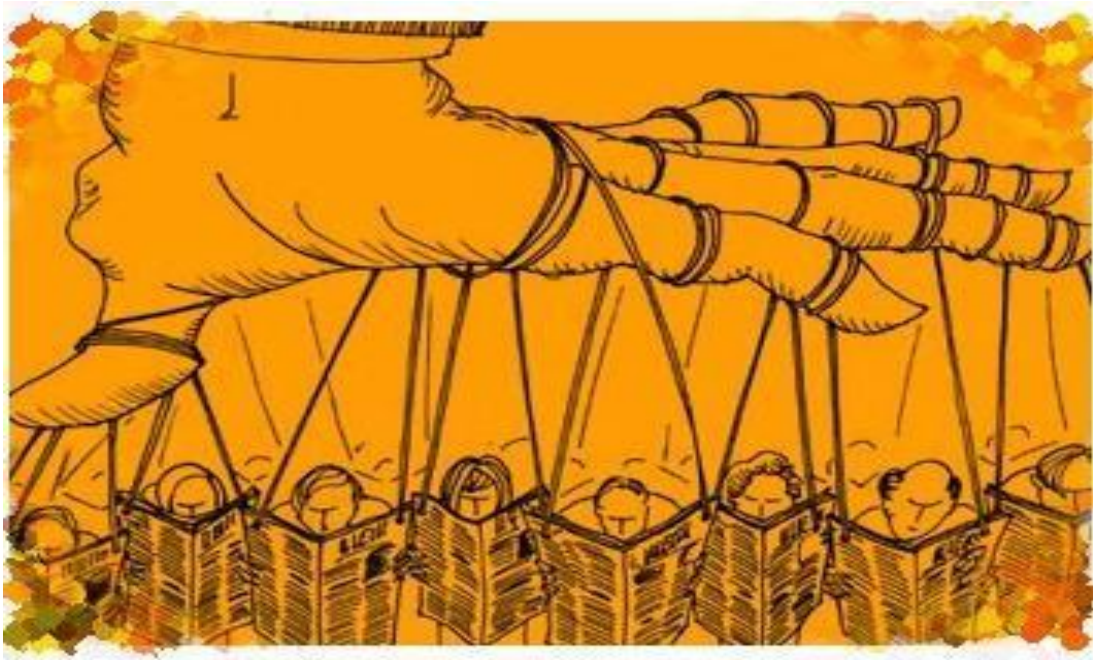
Esses conflitos relembram a todo tempo que as culturas não são estáticas e evoluem ao longo do tempo devido a fatores como imigração, contato com outras culturas, avanço tecnológico e mudança social.

Respeitar a diversidade cultural num mundo cada vez mais conectado, promover o respeito pela diversidade cultural e compreender as diferenças culturais é importante para construir uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa. Em suma, a cultura desempenha um papel profundo na vida das pessoas e na sociedade como um todo, e as diferenças culturais são uma parte natural da experiência humana. Tais princípios gerais de compreensão e respeito às diferenças culturais são a base para a coexistência pacífica e a cooperação num mundo globalizado e diversificado.

2.4 A cultura como sinônimo de poder

A relação entre cultura e poder é complexa e multifacetada, e essa dinâmica pode mudar significativamente dependendo dos contextos históricos, políticos e sociais, como mostra a ilustração da figura 43.

Figura 43 - Cultura x Poder



Fonte: <https://capitanswing.com/prensa/del-dominio-cultural-al-poder/>

A cultura instintivamente reflete e sustenta as estruturas de poder da sociedade. Nesse caso, as normas, os valores e as práticas culturais podem ser coletivamente moldados pelas classes dominantes, instituições políticas ou grupos hegemônicos, para estrategicamente manter e/ou consolidar o seu poder.

Esse poder pode ser ferramenta potencialmente usada para controlar ou censurar a cultura, de maneira que governos autoritários podem restringir a liberdade de expressão artística e cultural, a fim de manter o controle da narrativa pública. Um exemplo disso é a Coreia do Norte que, sob o comando do chefe de Estado Kim Jong-un (figura 44), em pleno novo milênio, é considerado o país mais fechado da atualidade e todas as tentativas de conversa com a vizinha Coreia do Sul terminam numa cruzada cultural contra aquela nação, e pouco se sabe sobre o modo de vida dos indivíduos que ali vivem.

Entre os motivos dos conflitos entre as Coreias, está o êxito de filmes sul-coreanos, o K-pop e os K-dramas, em seriados que somam sucesso e tendências que incomodam Kim Jong-un, que tenta controlar absolutamente a cartela de entretenimento consumido pelos mais de 25 milhões de habitantes de seu país (figura 45).

Figura 44 - Kim Jong-un



Fonte: <https://epoca.globo.com/tudo-sobre/noticia/2017/09/kim-jong-un.html>

Figura 45 - Uma Arte Controlada



Fonte: <https://www.techtudo.com.br/guia/2023/08/pousando-no-amor-veja-sinopse-elenco-e-trailer-do-dorama-da-netflix-streaming.ghtml>

Como se pode perceber, a identidade cultural pode ser uma fonte de poder e resistência, já que as minorias culturais utilizam frequentemente a sua cultura como forma de resistência à assimilação cultural e afirmação de suas identidades face às pressões dominantes.

Num sentido maior, é através da própria cultura que o governo de um país acaba por exercer seu poder hierárquico, se utilizando de diversos mecanismos possíveis de manipulação, destarte Geertz comenta:

O problema clássico da legitimidade — de que forma alguns homens alcançam o direito de governar outros — é particularmente agudo num país no qual uma longa dominação colonial criou um sistema político nacional em seu objetivo, mas não em seu caráter. Para que um Estado possa fazer algo mais do que administrar privilégios e defender-se contra sua própria população, seus atos precisam ter continuidade com os elementos cujo Estado ele se propõe ser — seus cidadãos — esses atos precisam ser, num sentido mais intenso, ampliado, os seus atos. Não se trata aqui de uma simples questão de consenso. Um homem não tem que concordar com os atos de seu governo para se ver incorporado a ele, da mesma forma que não precisa aprovar seus próprios atos para reconhecer o que o Estado “faz” como resultado natural de um “nós” familiar e inteligível. No melhor dos casos, é necessária certa dose de astúcia psicológica por parte do governo e da cidadania. Entretanto, quando um país foi governado por estrangeiros durante cerca de duzentos anos, esse estratagema torna-se um tanto difícil, mesmo se os estrangeiros já foram expulsos (Geertz, 2008, p.139).

Os países e as instituições como um todo, podem, e estrategicamente usam a cultura também como uma ferramenta de “soft power” (poder branco/afável) para influenciar e melhorar a sua imagem no cenário internacional, isso pode incluir o uso de música, cinema, literatura e outras formas de Arte para promover a sua cultura e valores. Mais uma vez destaca-se aqui que, aqueles que controlam os meios de comunicação social e as indústrias culturais, podem ter uma influência significativa sobre a representação cultural, moldando as percepções e os valores públicos.

A saber, a cultura desempenha um papel importante e direto na política, influenciando as preferências e opiniões dos eleitores e, portanto, se utilizando de seu poder de alcance. Dessa maneira, políticos utilizam frequentemente a cultura para obter apoio ou mobilizar eleitores em campanhas eleitorais.

Nesse sentido, a diversidade cultural pode ser vista como um desafio ao poder estabelecido, já que as sociedades que a valorizam podem enfrentar lutas pelo domínio sobre normas e valores culturais dominantes.

Nesse sentido, a diversidade cultural pode ser vista como um desafio ao poder estabelecido, já que as sociedades que valorizam a diversidade cultural podem enfrentar lutas pelo poder sobre normas e valores culturais dominantes.

A cultura intuitivamente reflete e sustenta as estruturas de poder da sociedade. Nesse caso, as normas, os valores e as práticas culturais podem ser coletivamente moldados pelas classes dominantes, instituições políticas ou grupos hegemônicos para estrategicamente manter e/ou consolidar o seu poder. Esse poder pode ser ferramenta potencialmente usada para controlar ou censurar a cultura. Por exemplo, os governos autoritários podem restringir a liberdade de expressão artística e cultural, a fim de manter o controle da narrativa pública.

Os estereótipos culturais podem ser usados para perpetuar preconceitos e manter o status quo. Por exemplo, representações negativas de minorias raciais ou culturais podem exacerbar a discriminação e a exclusão. A forma como a história é contada e interpretada numa cultura pode influenciar as percepções sobre quem detém o poder e quem é conquistado. A história é muitas vezes contada de forma seletiva para realçar os feitos e realizações dos grupos no poder, ao mesmo tempo que minimiza ou apaga as contribuições de outros grupos.

A linguagem é um componente fundamental da cultura e pode ser usada para reforçar hierarquias de poder. Por exemplo, a utilização de termos depreciativos ou linguagem discriminatória pode ser uma forma de manter o domínio de um grupo sobre outro. Aqueles que ocupam posições de poder têm frequentemente controle sobre os recursos culturais, tais como instituições educativas, museus, meios de comunicação e espaços públicos. Eles podem utilizar estes recursos para promover a sua própria cultura e limitar o acesso ou a visibilidade de outras culturas.

A educação desempenha um papel vital na transmissão de valores culturais e na socialização das gerações futuras. A cultura dominante está frequentemente incorporada nos sistemas educacionais, ensinando valores e perspectivas, perpetuando assim, de forma estratégica as estruturas de poder existentes.

Normas culturais muitas vezes estabelecem padrões de comportamento e hierarquias sociais. Estas normas podem ser utilizadas para justificar a desigualdade e a discriminação, legitimando o poder de certos grupos sobre outros. É importante notar que a cultura não é inerentemente prejudicial, mas pode ser usada para perpetuar a desigualdade e a injustiça. Reconhecendo que a relação entre cultura e poder é fundamental para a promoção da igualdade e da justiça social, muitos movimentos sociais procuram desafiar normas culturais opressivas e promover a diversidade e inclusão cultural.

Rancière (2002, p.26) diz que a prática dos pedagogos se apoia na oposição da ciência e da ignorância. Eles se distinguem pelos meios escolhidos para tornar sábio o ignorante: métodos duros ou suaves, tradicionais ou modernos, passivos ou ativos, mas cujo rendimento se pode comparar. Desse ponto de vista, poder-se-ia, numa primeira aproximação, comparar a rapidez dos alunos de Jacotot com a lentidão dos métodos tradicionais. Mas, na verdade, nada havia aí a comparar. O confronto dos métodos supõe um acordo mínimo, no que se refere aos fins do ato pedagógico, que é transmitir os conhecimentos do mestre ao aluno. Ele complementa:

Por detrás da relação pedagógica estabelecida entre a ignorância e a ciência, seria preciso reconhecer a relação filosófica, muito mais fundamental, entre o embrutecimento e a emancipação. Havia, assim, não dois, mas quatro termos em jogo. O ato de aprender podia ser reproduzido segundo quatro determinações diversamente combinadas: por um mestre emancipador ou por um mestre embrutecedor; por um mestre sábio ou por um mestre ignorante (Rancière, 2002, p.26)

Nessa trama, Freire diz:

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (Freire, 2014, p.41-42).

Não se trata de uma briga por predominância cultural, mas sim, de uma busca por um melhor entendimento e respeito, ao modo como essas culturas são experienciadas e assimiladas por cada cidadão. A respeito disso, nota-se uma necessidade de acrescentar um novo ângulo de uma possível interpretação. Thompson diz :

Ao fazer isso, os indivíduos situados em posições subordinadas não necessariamente podem estar procurando elevar-se acima das posições de seus superiores (como aqueles que empregam a estratégia da desvalorização tipicamente tentam fazer (Thompson, 1995, p. 210).

Por tudo isso, é possível perceber que a linguagem muitas vezes revela e ressalta a hierarquia social existente numa sociedade. Em algumas culturas, ainda existem formas bem peculiares e específicas de se dirigir a pessoas de diferentes camadas sociais, fazendo uso de pronomes de tratamento formais e informais, dependendo da situação. O vocabulário utilizado e a sintaxe também podem diferir dependendo do contexto social, contribuindo para a percepção de status e poder.

Dessa maneira, a linguagem acaba por influenciar, muitas vezes, os padrões de comportamento ao estabelecer normas sociais e expectativas de conduta. Isso pode ser observado em regras de conversação, em etiquetas de cortesia, tabus

linguísticos e expressões idiomáticas que terminam por moldar a forma como as pessoas interagem umas com as outras e se comportam em determinadas situações.

Classe social, etnia, educação, idade e região geográfica entram, portanto, nesse rol identitário de hierarquia social. Não à toa, certas formas de linguagem são mais prestigiadas ou adequadas em determinados contextos sociais enquanto outras são vistas como menos prestigiosas ou até mesmo estigmatizadas.

Em toda sociedade, pelo sotaque ou pelo dialeto é possível distinguir a classe mais privilegiada ou a educação formal, que frequentemente torna essa linguagem mais valorizada em comparação aos dialetos associados a grupos étnicos minoritários ou de áreas rurais.

Essa valorização pode influenciar questões múltiplas, e ter como consequência melhores oportunidades de emprego e acesso a recursos que, em comparação à camada considerada desprestigiada, não terá a mesma experiência de vida, até no que diz respeito ao tratamento social recebido. Porém, vale também considerar que as percepções sobre o valor linguístico podem ser subjetivas e influenciadas por preconceitos e estereótipos de naturezas bem diversas. Muitas vezes, as variedades linguísticas consideradas "não padrão" ou "inferiores" são igualmente complexas e válidas, e a hierarquia social linguística pode ser usada para perpetuar desigualdades sociais.

O reconhecimento e a valorização da diversidade linguística são fundamentais para promover a equidade e a inclusão, mas para chegar a essa conduta e padrão de reconhecimento, as sociedades ainda terão um longo caminho por gerações.

Se nesse momento é possível refletir sobre o tema, há de se acreditar que uma construção nesse sentido já ocorre, e pode ser que em algum tempo a transformação dessa realidade torne-se realidade no futuro das sociedades em todo globo terrestre.

3 A ARTE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: DO CURRÍCULO À FORMAÇÃO DE CULTURA

“A arte constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, um outro mundo, fecundo em ambiguidades” (Coli, 2006, p.50).

Neste capítulo, evidencia-se a Arte, o currículo e a cultura sob diferentes estruturas e formações.

3.1 Arte e Currículo: O embate entre a teoria e a prática

A relação entre cultura e currículo é crucial no contexto educacional porque o currículo de uma instituição educacional retrata e molda diretamente a cultura geral da sociedade em que opera. Isso significa que os temas, as disciplinas, os valores e as normas incluídas no currículo, muitas vezes podem reproduzir apenas e tão somente as prioridades e crenças da cultura dominante.

Numa sociedade culturalmente diversa, é importante que o currículo seja inclusivo e reproduza a diversidade das culturas atuais. Insere-se nesse contexto, a mistura de diferentes perspectivas culturais de várias disciplinas, bem como o estudo explícito das histórias, tradições e contribuições de diversas culturas.

O currículo configura, portanto, a linguagem, a comunicação e as normas linguísticas e de comunicação da sociedade, influenciando pontualmente a forma como as competências linguísticas são ensinadas e avaliadas. Nesse contexto, a Arte não deve se normalizar em sua existência como simples produto decorativo, bem como aquisição de pseudo status e/ou poder. Thompson afirma que:

A arte se rende sempre mais a lógica da produção de mercadorias e do mercado, e por isso perde o potencial crítico inerente a própria gratuidade das formas artísticas tradicionais. “A obra de arte, ao se igualar a necessidade, priva os seres humanos, de maneira enganosa, precisamente daquela libertação do princípio de utilidade que ela deveria inaugurar” (Thompson, 1995, p.132)

O currículo ao transmitir os valores e a ética que a cultura dominante considera importantes, engloba de forma automática o ensino da cidadania, da responsabilidade social, da ética e outras questões relacionadas com valores culturais.

É no estudo da identidade histórica e cultural, frequentemente integrado ao currículo, que o ensino da história do país, bem como da história de grupos étnicos e culturais específicos que fazem parte da sociedade são apresentados.

Isso merece real atenção, já que o currículo detém algumas ideias centrais que

constituem e norteiam a própria sociedade, é nele por exemplo, que em algumas culturas, a religião e a espiritualidade também são inclusas no âmbito formativo pedagógico, seguindo ou não, uma educação religiosa específica ou estudos religiosos como parte de sua grade acadêmica.

A Arte viabiliza ao indivíduo a possibilidade de refletir acerca da própria identidade, confrontando o ser e o ter nos aspectos mais simples e complexos da vida comum. Em meio a esse encontro do indivíduo consigo mesmo, a arte se mostra aberta a descobertas inúmeras, capazes de permitir trilhar por variados e heterogêneos rumos. Argolo, em suas reflexões, nos lembra que:

A história mostra o quanto a arte humaniza e aproxima os seres humanos pelas possibilidades de comunicação criadas por sua própria linguagem. Essa é a linguagem da humanidade, ampliada e enriquecida ao longo da nossa história. Ela reflete a maneira como a humanidade amplia a sua sensibilidade, sua consciência e seu entendimento sobre o mundo. (Argolo, 2005, p. 79).

Por conseguinte a cultura também se reflete em diversas outras formas de expressão cultural, e o currículo muitas vezes inclui a educação artística e musical para explorar e promover a apreciação cultural através destas formas de expressão.

À medida que a cultura evolui ao longo do tempo, o currículo pode mudar para, de certa forma, considerar essas mudanças. Isso pode incluir diversos fatores, tais como a incorporação de novas tecnologias, questões contemporâneas e mudanças nas normas sociais.

Nesse mundo globalizado, a educação frequentemente fornece um enfoque na diversidade cultural e na educação global, envolvendo a promoção da compreensão intercultural e da cidadania mundial por meio de um currículo que deve ser sensível à cultura e à diversidade cultural para garantir uma educação inclusiva e equitativa.

Por ser uma ferramenta poderosa para promover a compreensão cultural, a aceitação da diversidade e a consciência crítica das influências socioculturais, a relação entre cultura e currículo desempenha um papel vital na educação da próxima geração e na construção de uma sociedade mais justa e informada, desempenhando um papel importante na formação e disseminação da cultura social, sendo o veículo através do qual, conhecimentos, valores, crenças e normas culturais serão transmitidos de uma geração para outra.

É também o currículo que determina quais temas, disciplinas e áreas do conhecimento serão ministrados nas escolas e instituições de ensino. As escolhas do

conteúdo do curso refletem assim as prioridades culturais da sociedade, como por exemplo, a inclusão ou exclusão de certos acontecimentos históricos, figuras importantes, literatura ou tradições culturais e a ênfase cultural. Os cursos podem incluir a divulgação de valores éticos e morais considerados importantes e determinantes pela cultura dominante através do ensino sobre cidadania, respeito, responsabilidade social e outros valores que a sociedade deseja promover.

Em muitas sociedades é o currículo que exerce um papel importante na formação da identidade nacional. A história, a literatura, a arte e outros aspectos culturais são frequentemente enfatizados no currículo para promover um sentimento de pertencimento e de identidade nacional. Em sociedades culturalmente diversas, os currículos podem ser utilizados para promover a compreensão e a aceitação da diversidade cultural através do ensino sobre diferentes culturas, línguas e tradições, para promover o respeito e a valorização da diversidade, além de incluir disciplinas relacionadas à Arte, música e expressão cultural, a fim de promover a valorização da cultura.

Os estudos históricos são uma parte importante do currículo, pois a forma como a História é ensinada e interpretada afeta a narrativa de uma cultura, destacando certos eventos e pessoas, enquanto minimiza ou ignora outros. Nesse sentido a antropologia seria uma tentativa curricular de discussão. Geertz corrobora com a reflexão:

Visto sob esse ângulo, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. De fato, esse não é seu único objetivo — a instrução, a diversão, o conselho prático, o avanço moral e a descoberta da ordem natural no comportamento humano são outros, e a antropologia não é a única disciplina a persegui-los. No entanto, esse é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótico se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade (Geertz, 2008, p.10).

É notável que o currículo reflete mudanças culturais ao longo do tempo e este processo promove a consciência crítica e o pensamento reflexivo sobre a cultura, encorajando os discentes a questionarem as normas e compreendendo diferentes perspectivas culturais, podendo tecer análises de como a cultura afeta a sociedade.

O currículo traz, portanto, uma necessidade de focar na educação global e na compreensão intercultural, já que tais conceitos preparam os discentes para uma

experiência na sociedade global, onde é cada vez mais comum interagir com pessoas de diferentes origens culturais. Esse tipo de educação promove um papel fundamental na formação da cultura, refletindo e moldando os valores, as crenças e as normas da sociedade. A escolha do conteúdo, os valores transmitidos e a atitude do currículo em relação à diversidade cultural influencia diretamente a cultura da próxima geração, que terá na educação e no currículo um impacto profundo e conjunto na evolução e na manutenção da cultura da sociedade.

A relação entre teoria e prática na arte curricular é uma questão fundamental na educação, especialmente quando se trata de desenvolver currículos e métodos de ensino em disciplinas artísticas, como artes visuais, música, dança e teatro. A teoria em si fornece uma base conceitual para o ensino das artes, ajudando os educadores a entender os princípios subjacentes às diferentes formas de arte, como elementos de design, teoria musical, teoria da cor, teatro dramático.

Teorias educacionais podem abrir a possibilidade de diversas metodologias de ensino nas artes, promovendo a aprendizagem ativa e a experimentação nas aulas de artes.

A prática real no ensino da Arte permite que os educadores apliquem as teorias de forma prática e concreta, e os estudantes experimentem e apliquem os conceitos teóricos na criação, execução e apresentação de diversas linguagens.

A prática também fornece feedback real sobre a eficácia das abordagens teóricas, oferecendo a possibilidade de os educadores ajustarem suas estratégias com base na resposta dos discentes e nos resultados observados.

Um currículo eficaz nas artes integra a teoria e a prática de forma holística. Isso significa que os estudantes não apenas aprendem conceitos teóricos, mas também os aplicam de maneira criativa em seu trabalho artístico. Nesse sentido, mais uma vez a questão da interdisciplinaridade ³ é notada, já que a mesma é promovida quando teoria e prática são integradas. Numa aula de música, por exemplo, os alunos podem aprender teoria musical enquanto tocam um instrumento, criando composições originais e explorando de forma dinâmica a história da música.

A interação entre teoria e prática em Arte pode promover o desenvolvimento das habilidades críticas, a análise e a reflexão sobre seu próprio trabalho e o de outros,

³ **Interdisciplinaridade** é um conceito que busca a intersecção entre conteúdos de duas ou mais disciplinas. Um exemplo seria a construção da câmara escura, que liga artes visuais e ciência.

à luz dos princípios teóricos e conceitos aprendidos.

A importância da teoria é indiscutível, já que pode ajudar os estudantes a contextualizar sua prática artística, entendendo as influências culturais, históricas e sociais por trás de sua arte. Uma abordagem equilibrada entre teoria e prática pode fornecer aos docentes ferramentas e conhecimentos necessários para expressarem sua criatividade de maneira informada e significativa.

A teoria pode inspirar a exploração de novas técnicas, estilos e ideias nas práticas artísticas, levando à inovação. Essa exploração equilibrada entre teoria e prática pode ser um desafio, pois o excesso de teoria pode parecer abstrato ou enfadonho demais, enquanto o foco excessivo na prática pode ignorar fundamentos conceituais importantes.

É necessário lembrar que se faz imprescindível garantir que todos os estudantes tenham acesso à teoria e à prática curricular, independente de sua experiência anterior ou talento artístico, mesmo sendo um desafio.

A relação entre teoria e prática nas artes curriculares é dinâmica e interdependente, e a combinação eficaz desses elementos pode enriquecer a experiência educacional nas artes, promovendo a compreensão, a criatividade, a expressão e o desenvolvimento de habilidades críticas de todos os sujeitos envolvidos.

Evidencia-se aqui, portanto, que a relação entre Arte, Cultura e Educação é profunda e desempenha um papel crucial no desenvolvimento humano e da sociedade em geral.

A Arte sendo uma forma fundamental de expressão cultural, acaba por traduzir a identidade de uma sociedade, seus valores, crenças e experiências, e através dela culturas podem transmitir suas histórias, mitos, tradições e visões de mundo. Assim, a educação desempenha um papel fundamental na transmissão dessas expressões para as gerações futuras, ajudando a preservar e enriquecer a herança cultural.

E nada cessa. A Arte vai além, ela é um veículo para a criatividade e a inovação, estimulando a imaginação, o pensamento crítico e a resolução de problemas, habilidades essenciais que são fundamentais na educação.

Através do ensino de Arte, os discentes podem desenvolver essas habilidades e aplicá-las em outros contextos, promovendo a compreensão intercultural, o que permite que as pessoas explorem e apreciem a diversidade de culturas ao redor do

mundo.

Por meio da educação pela Arte, os estudantes podem aprender sobre diversas formas de expressão de acordo com a cultura, promovendo a tolerância e o respeito pela diversidade, o que também contribui para o desenvolvimento da sensibilidade estética, da apreciação da beleza, e de alguma compreensão sobre o significado de obras de Arte.

Isso não se aplica apenas às artes visuais, mas também à música, dança, teatro e literatura. A apreciação da estética pode enriquecer a vida de uma pessoa e aprofundar sua compreensão sobre a cultura.

Muitas vezes, a Arte abordará questões sociais e políticas de maneira crítica e provocadora, servindo como ferramenta para examinar e questionar as normas e desafios da sociedade, estimulando as pessoas a explorar essas questões, promovendo o pensamento crítico e a conscientização social.

É na Arte que temos a possibilidade única de comunicação e expressão pessoal, e através dela, os discentes têm a oportunidade de desenvolver essas habilidades expressando suas próprias ideias, sentimentos e perspectivas, de maneira criativa e significativa.

Em um mundo cada vez mais dominado pela mídia visual, a educação pela Arte desempenha um papel importante na promoção de uma alfabetização visual, auxiliando os estudantes a entender as mensagens veiculadas pela mídia e a influência disso no dia a dia, além de possibilitar que o próprio estudante crie sua forma de mídia de maneira crítica e responsável.

Assim sendo, a Arte e a Educação podem contribuir conjuntamente para o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos, incluindo a construção da autoestima, a colaboração, a empatia e a autoexpressão.

Desta forma, a Arte, a Cultura e a Educação estão intrínsecamente ligadas e desempenham papéis complementares na sociedade. Através da Arte, as culturas são preservadas, a criatividade é estimulada e as pessoas são capacitadas a entender e responder ao mundo de maneira mais profunda e significativa.

3.2 Arte e Cultura como estruturas formativas educacionais

Pensar na Educação é necessariamente repensar na didática formativa relacional entre docentes, discentes e os demais personagens do meio educacional.

Rancière (2002, p.17) expõe:

Assim progredia o aluno, na apropriação racional do saber e na formação do julgamento e do gosto, até onde sua destinação social o requeria, preparando-se para dar à sua educação uso compatível com essa destinação: ensinar, advogar ou governar para as elites; conceber, desenhar ou fabricar instrumentos e máquinas para as novas vanguardas que se buscavam, agora, arrancar da elite do povo; fazer, na carreira das ciências, novas descobertas para os espíritos dotados desse gênio particular.

É a relação pedagógica entre Arte e Cultura, que deve ser elaborada em prol de uma verdadeira mudança educacional, que promova a todos os envolvidos um currículo ativo, que transforme indivíduos passivos e alienados em cidadãos atuantes e construtores da própria sociedade. Numa ilusória tentativa de uma reforma governamental de uma pedagogia progressista, Rancière diz:

Da sociologia de Pierre Bourdieu, eles extraíram, portanto, um programa que visava reduzir as desigualdades da Escola, reduzindo a parte que cabia à grande cultura legítima, tornando-a mais convivial, mais adaptada às sociabilidades das crianças das camadas desfavorecidas, — isto é, essencialmente, dos filhos de emigrantes. Este sociologismo restrito não fazia, infelizmente, senão afirmar melhor o pressuposto central do progressivismo, que determina que aquele que sabe se faça "acessível" aos desiguais — confirmando, desta forma, a desigualdade presente, em nome da igualdade futura. (Rancière, 2002, p.12)

Numa proposta possível, a Arte educa já que faz com que as pessoas entendam conceitos sem passar pela oralidade, envolvendo diretamente o sentimento e a subjetividade. Essa capacidade de leitura do mundo influencia o processo de formação de identidade, na medida em que permite ao indivíduo se reconhecer na cultura ou se definir em oposição a ela. Ao mesmo tempo em que cria essa noção de pertencimento e de valorização da herança cultural, a Arte também proporciona o contato com outras culturas. Para Martins, Picosque e Guerra (2010, p.33):

[...] vemos que a linguagem é a forma essencial da nossa experiência no mundo e, conseqüentemente, reflete nosso modo de estar no mundo. Por isso é que toda linguagem é um sistema de representação pelo qual olhamos, agimos e nos tornamos conscientes da realidade.

É preciso ter de forma clara, que a Arte não deve ser constricta a conceitos pessoais limitados à própria conclusão de suas interpretações. Rancière (2002, p.47-48) considera que:

[...]toda obra da arte humana é a realização das mesmas virtualidades intelectuais. Em toda parte, trata-se de observar, de comparar, de combinar,

de fazer e de assinalar como se fez. Em toda parte é possível essa reflexão, essa volta sobre si mesmo, que não é adicionada a seus atos intelectuais, ao caminho que descrevem e à possibilidade de avançar sempre, investindo a mesma inteligência na conquista de novos territórios.

Assim sendo, discute-se que a Arte e suas diversas manifestações, muitas vezes serviram para enaltecerem o poder arbitrário do Estado, retratando valores, costumes, tradições e signos aceitáveis ou não na sociedade autocrática. Entretanto, é também através da Arte e suas indagações, que se oferta e possibilita a criticidade do sujeito, bem como sua possível transformação no mundo, assim Ana Mae pondera:

A arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula propulsora do desejo de aprendizagem. Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (Barbosa, 2009, p.21).

A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica, tendo um potente poder na própria cultura.

Para Pino (2005, p.268), há claramente uma troca dialógica entre Cultura e Arte, o autor diz que, se a natureza precede a cultura, a cultura supõe a natureza, porque ela é, em última instância, a própria natureza transformada em cultura, mas uma cultura que, sem deixar de ser natureza, torna-se algo novo. Ele a chamaria assim, de uma natureza humanizada. Para Martins e Picosque :

São muitas as atuações envolvidas na mediação cultural, porém, sua paisagem conceitual e o fazer da mediação em diferentes situações e lugares é ainda nova e sedenta de pesquisas e reflexões, embora isto venha se transformando nos últimos anos (Martins. Picosque, 2012, p.7).

A mediação cultural abrange uma variedade de atuações e atividades que visam facilitar a interação entre diferentes formas de expressão cultural e o público. Mas será que esse mesmo público tem a percepção real do que acontece com a Cultura e com a Arte em suas múltiplas expressões? Até que ponto, afinal, o criador, inclusive, fica aquém ou além da criatura, seja ela qual for: uma peça, uma apresentação de dança, um filme, um livro, uma tela?

Perguntas sem respostas, para suposições que podem sobrar, mas vale a reflexão, a vírgula, a pausa, o respiro.

3.3 Arte curricular nos meandros sócio-políticos

Na sinuosidade da área sócio – política, é preciso refletir acerca dos aspectos que culminam na própria construção da Arte Curricular. No prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, o professor Ernani Maria Fiori (Freire, 2014, p.13) diz que é a própria antropologia que acaba por exigir e comandar uma política.

Seguindo esse raciocínio, Barbosa e Coutinho (2009, p.175) partem do pressuposto freiriano de que, se a leitura é um ato de apropriação do conhecimento na interação do sujeito com o mundo, com seu meio social e cultural, por conseguinte, a leitura e a interpretação de uma produção do campo da Arte é também um processo de construção de sentidos para os sujeitos que a leem.

Nesse processo, as experiências anteriores e a visão do mundo orientam e direcionam o sentido da leitura e da interpretação. Assim sendo, nota-se que não existe a interpretação única de uma produção artística ou de uma criação, mas sim, uma pluralidade de pontos de vista que podem ser complementares ou não.

Justamente pela existência dessa pluralidade de perspectivas é que se deve colocar em pauta todas as características envolvidas no contexto da construção de todo e qualquer significado.

Como reflexo construtor da própria Cultura, sociedade, política, Arte e suas manifestações não estão e nem são mais, atuantes isoladas, mas sim, partícipes reais de um todo, que só existe pela funcionalidade de um conjunto adaptado. Freire (2014, p.73) discursa que:

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, "ação cultural" para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor, Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência.

A atenção voltada às diferenças culturais não deve delimitar uma discussão maior em relação à diversidade, pois é justamente ela que definirá passos seguros para a contemplação pacífica de tais diferenças. Nesse sentido, Thompson (1995, p.426) discorre:

Não podemos nos cegar pelo espetáculo da diversidade a tal ponto que sejamos incapazes de ver as desigualdades estruturadas da vida social. No enfoque aqui desenvolvido, a análise crítica da ideologia retém seu valor como parte de uma preocupação mais abrangente com a natureza da dominação no mundo moderno, com os modos de sua reprodução e as possibilidades de sua transformação.

Torna-se claro que essa arte curricular, já ativa em sua própria cultura oportuniza ao sujeito uma reflexão crítica maior de fatores específicos da sociedade que integra. Freire comenta:

Teoria e denúncia se fecundam mutuamente do mesmo modo que nos círculos de cultura, o aprendizado ou a discussão das noções de “trabalho” e “cultura” jamais se separa de uma tomada de consciência, pois se realiza no próprio processo desta tomada de consciência. E esta conscientização muitas vezes significa o começo da busca de uma posição de luta. (Freire, 1967, p.8)

Por todas essas vertentes, quando pensamos no futuro do comportamento social à luz das ideias de Freire, é possível imaginar uma sociedade onde a educação não apenas transmite conhecimento, mas também promove valores de justiça social, empatia e engajamento cívico. A arte e a cultura fazem parte desse movimento que, sem dúvida, se levada adiante para toda sociedade, poderia revelar uma maior participação cidadã, uma distribuição mais equitativa do poder cultural e artístico, mas também político e econômico, numa abordagem mais colaborativa para resolver ao menos parte dos problemas sociais. A luta, afinal, deveria ser de todos para estabelecer melhores condições de vida, em todos os aspectos, à sociedade como um todo.

4 MEDIAÇÃO CULTURAL: AS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE EXPRESSÃO

“ Não há receitas de uma boa mediação cultural, pois a arte é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afetos” (Martins, 2014, p.226-227).

Nesse capítulo o foco será na questão da Mediação Cultural, onde Arte, Cultura e Sociedade se multiplicam e se fundem em inúmeras possibilidades de expressão, determinismos, limitações e liberdade artística.

4.1 A Arte como (Des) Construção

O processo de construção da Arte se mostra existente, independentemente de estar em seu papel mediador. Isso se explica porque em sua essência, ela é pura, livre e íntegra, no amplo sentido da palavra. Darras colabora:

[...] o sistema de arte é suficientemente autônomo por buscar energia, informações e mesmo organização em seu meio ambiente cultural geral e em seu meio ambiente mais imediato, constituído pelas artes mais heterogêneas das indústrias culturais. Essas interações servem ao mesmo tempo para a arte se regenerar e interagir com seu meio ambiente (Darras, 2009, p.34-35).

Nesse sentido, Darras (2009, p.37) diz que, no domínio cultural e artístico podem-se distinguir duas grandes abordagens de mediação. A primeira é diretiva e, em sua forma mais pobre, fornece apenas e tão somente um sistema interpretativo, impondo portanto, um único tipo de compreensão do objeto cultural.

Já em sua forma mais rica, a abordagem de mediação produz sistemas interpretativos que tentam se articular, ou não, e trabalhar em conjunto.

Seja como for, a Arte ao longo dos tempos impulsiona a história das sociedades, embora nem sempre da forma mais positiva. Os governos fascistas, em múltiplas partes do mundo, inclusive no Brasil, fizeram da Arte uma parceira de fortalecimento de seu regime, fosse na época da Ditadura, ou mesmo nos tempos atuais. Mas a força da Arte é tamanha que mesmo em meio a essas intempéries, também se fez como ferramenta de resistência, resiliência e crítica, principalmente nos anos mais difíceis da Ditadura, entre 1964 e 1968, quando muitos artistas, em nome da liberdade de expressão, criaram recursos diversos para contornar a repressão e a Censura imposta daqueles dias, via decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que nada mais foi do que uma ferramenta legal e jurídica para o autoritarismo

imposto pelos militares da época.

Um dos casos famosos é o do artista Cildo Meireles que, frente à morte do então jornalista Vladimir Herzog (figura 46), que dirigia a seção de jornalismo da TV Cultura e foi assassinado na prisão no dia 25 de outubro de 1975, e mesmo a polícia tendo divulgado que fora suicídio, resolveu carimbar em notas de 1 cruzeiro a pergunta “Quem matou Herzog?” (figuras 47,48 e 49) com letras maiúsculas, e saiu distribuindo pela capital paulista.

Figura 46 - Vladimir Herzog



Fonte: <https://conib.org.br/noticias/todas-as-noticias/45-anos-do-assassinato-de-vladimir-herzog.html>

O fato é que a Arte de Cildo Meireles não estava exatamente no carimbo feito em cada cédula, mas em sua atitude.

A mesma Arte usada por fascistas, era naquele momento capaz de cobrar pelos atos criminosos que esses cometiam. Um ato extremamente corajoso, dada a conjuntura política da época, pois poderia, porventura, ele mesmo ser também preso, torturado e morto.

Abaixo, três versões das notas que circularam nas ruas durante o período da Ditadura (figuras 47 a 49).

Figura 47 - Pergunta sem resposta



Fonte: [//www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=1488431](http://www.conradoleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=1488431)

Figura 48 - No verso da nota



Fonte: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/07/20/reflexoes-sobre-tecnica-e-politica-no-ocultamento-de-violencias>

Figura 49 - Insistência no questionamento



Fonte: <https://www.tntarte.com.br/leiloes/64/lote/45>

Sob a mesma ideia, em casos de execuções muito mais recentes, mas também não justificados para a sociedade, cédulas ganharam novas versões em circuitos ideológicos, tendo o legado do artista Cildo Meireles sido levado à frente (figura 50).

Figura 50 - Releitura quando da morte de Celso Daniel



Fonte:

<https://www.bruceangeirasleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=15940404&ctd=795&tot=&tipo=&artista=>

Nessa nota de 20 reais uma pergunta acerca da morte do prefeito Celso Daniel, na época de sua morte prefeito da cidade de Santo André, na Grande São Paulo, e que foi executado em 2002, quando voltava de um jantar na capital paulista e teve seu carro interceptado por bandidos que dispararam contra o veículo. Celso Daniel teria sido levado como única vítima para um cativoeiro, e seu corpo foi encontrado dois dias depois pela polícia, perfurado por sete balas.

Figura 51 - Outra releitura sobre Amarildo



Fonte: <https://www.bruceangeirasleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=15951795&ctd=162&tot=&tipo=>

Já o caso do ajudante de pedreiro Amarildo de Souza (figura 51), desaparecido em julho de 2013 depois de ter sido levado por policiais militares para a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, além do corpo até hoje não ter sido encontrado, a maior parte dos policiais militares envolvidos, embora condenados, seguiram trabalhando na Polícia Militar dez anos após o crime.

Outro caso não totalmente esclarecido e que permanece à sombra da Justiça brasileira é o da Marielle Franco, assassinada em março de 2018, quando exercia o cargo de vereadora no Rio de Janeiro (figuras 52 e 53). Apesar de algumas prisões terem sido feitas, ninguém sabe exatamente ainda o que aconteceu. Antagonicamente, a morte a faz, dia após dia, mais viva do que nunca: seu caso se agigantou em proporção mundial e ela acabou por se tornar um grande símbolo da luta pelos Direitos Humanos no país.

Figura 52 - Releitura acerca da morte de Marielle



Fonte: <https://www.bruceangeirasleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=15951794>

Figura 53 - Marielle Presente



Fonte: <https://www.bruceangeirasleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=15951794>

Construção na desconstrução. O errado e o certo. O enigma e a clareza. O feio e o bonito. Dicotomias tão simples e ao mesmo tempo nada certeiras. A Arte parece trazer em si um antagonismo inerente à sua existência.

Inúmeros são os exemplos. Em “Arquitetura da Destruição”, documentário histórico feito pelo cineasta Peter Cohen, que assina a direção e a produção, é latente o destaque da importância da arte na propaganda, que teve como principal característica firmar o desenvolvimento do nazismo em toda Alemanha. Em suma, o documentário revela a trajetória de Adolph Hitler, político, Chanceler do Reich e Führer da Alemanha e de alguns de seus mais próximos colaboradores com a arte, e enfatiza que o princípio estético do nazismo era embelezar o mundo, mesmo que para isso tivesse que destruí-lo. O próprio Hitler, muito antes de ser o principal fomentador da Segunda Guerra Mundial e figura central do Holocausto, desejava, ele mesmo, ser artista. Pintou, metaforicamente, por fim, o horror.

Nem tudo é leveza, seja na desconstrução dos dias, da vida, das guerras também traçadas por inúmeros artistas, a citar o pintor cubista Pablo Picasso, especialmente na produção de sua obra “Guernica” (figura 54), onde fez uma denúncia do bombardeio à cidade de Guernica, durante a guerra civil espanhola em 1937.

Figura 54 - Guernica



Fonte: <https://mymodernmet.com/es/guernica-pablo-picasso/>

Com ou sem ordem cronológica, fato é que, a Arte constrói e desconstrói o tempo inteiro, não necessariamente nessa ordem, mas seguindo uma ruptura de dias que montam e remontam a sua própria História. Se ela salva ou não, tudo depende do propósito para qual se destina. Quanto a seu poder de alcance, é inegável sua essência, e se torna ainda mais pungente e se agiganta, quando por fim se une à cultura de determinado povo, local, e História, nesse sentido Freire afirma que:

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os Homens se libertam em comunhão. É este caráter de dependência emocional e total dos oprimidos que os pode levar a manifestações que Fromm chama de necrófilas. De destruição da vida. Da sua ou da do outro, oprimido também. (Freire, 2014, p. 71).

Assim a mesma Arte que liberta pode ser aquela que aprisiona, dependendo de quem a cria ou divulga, e do modo como isso será feito, visto que a intenção de seu uso é grande mobilizadora de seus respectivos efeitos.

Nessa vertente, Freire parece sugerir que a libertação dos oprimidos requer solidariedade e comunhão entre eles, e que a falta desses componentes pode levar a manifestações prejudiciais e autodestrutivas. No entanto, quando os homens se libertam em comunhão, a ideia de solidariedade e união entre os indivíduos surge como sendo um elemento fundamental para alcançar a libertação; ou seja, quando as pessoas se unem e se apoiam mutuamente na luta contra a opressão podem também fazer o mesmo no que diz respeito à arte. Talvez esse seja o caminho mais harmonioso para uma transformação e construção positiva dentro das sociedades. Por meio de suas múltiplas expressões, as comunidades podem fortalecer sua identidade cultural e construir resiliência contra formas de opressão. A celebração da

diversidade cultural e étnica, por exemplo, pode promover um senso de orgulho e pertencimento entre grupos historicamente marginalizados. Em resumo, a arte estimula uma reflexão, inspirando uma ação e promovendo uma mudança social.

4.2 Ativismo das Artes e suas Manifestações

A Arte e a Cultura manifestam-se na sociedade de diversas maneiras, refletindo a diversidade de experiências, perspectivas e expressões humanas. Por exemplo, a Arte visual pode ser expressa em esculturas e instalações artísticas, bem como, fotografia e arte digital, através de gravação e impressão. Belas Artes; Multimídia; Música clássica; Música popular (rock, pop, hip-hop); Música tradicional e folclórica; Jazz e improvisação e Música eletrônica e experimental são também manifestações artísticas amplamente ativas na sociedade. E vai além.

Literatura; Poesia; Teatro; Dança; Ópera; Cinema e audiovisual; Cinema; Documentário; Arte em vídeo; Arte performática; Apresentações de rua; Artes de cabaré (podendo incluir canções satíricas, arte burlesca, cabaret musical que varia de clássicos da Broadway a músicas originais, performance artística, entre outras); Artes de Rua; Arquitetura e Design; Arte Tradicional e Folclórica; Festivais e celebrações culturais e tantas outras manifestações são ativações artísticas culturais em qualquer parte do globo. Cada uma oferece oportunidades únicas para criar, comunicar, explorar a identidade cultural e refletir sobre questões sociais e políticas. A diversidade das expressões culturais e artísticas desempenham um papel fundamental na construção de sociedades ricas e dinâmicas, pois são, muitas vezes, determinantes para traçar intimamente uma forte relação na esfera sociopolítica de dado espaço, local.

Elas acabam por desempenhar um papel importante na expressão de ideias, na construção de identidades, na reflexão sobre questões sociais e políticas e na promoção da mudança social. Ou seja, a reflexão acerca de algumas ações cotidianas no campo cultural e artístico pode levar à observação clara da possibilidade de uma construção ainda maior que a própria arte.

Muitas produções artísticas, incluindo pintura, música, cinema e literatura, são expressões diretas de crítica social e política. Abordam a desigualdade, a injustiça, a discriminação, a opressão e outras questões sociais, proporcionando uma plataforma para discussão e sensibilização pública. A arte pode ser ainda uma ferramenta

poderosa para aumentar a conscientização sobre questões políticas e sociais, pois continuamente inspira movimentos ativistas que desafiam a apatia ou a complacência relativa a questões pungentes da sociedade.

A cultura preserva, portanto, a memória histórica e comemora eventos importantes através de formas de arte como literatura, teatro e museus. Isto ajuda a manter viva a história da luta política e social, garantindo que as gerações futuras aprendam com as lições do passado. As artes podem celebrar a diversidade cultural e promover a inclusão social, realçando a beleza e a importância das diferentes culturas, tradições e identidades e, por consequência, lutar contra o racismo, o preconceito e a discriminação.

São as artes e a cultura que fornecem uma plataforma para a expressão individual e coletiva de identidades, experiências e perspectivas sociais e políticas. Os artistas utilizam frequentemente o seu trabalho para partilhar as suas histórias pessoais e refletir sobre realidades sociais mais amplas. Nesse sentido, a arte tem o poder de mudar as perspectivas das pessoas sobre questões sociais e políticas, criando empatia, desafiando estereótipos e oferecendo novas formas de ver o mundo.

Nessas múltiplas vertentes, eventos culturais, exposições de arte, performances e festivais tornam-se frequentemente espaços de diálogo e debate político-social. Eles reúnem pessoas de diferentes origens para discutir questões e promover o entendimento mútuo através da criação de símbolos e imagens poderosas relacionadas à política e aos movimentos sociais, o que muitas vezes podem tornar-se símbolos de resistência e solidariedade.

Ao questionar as normas e desafiar as convenções, a arte tem o potencial de influenciar a mudança cultural e política por meio da inspiração de novas ideias e mobilização de pessoas, que impulsiona mudanças sociais. A cultura registra mudanças sociais ao longo do tempo através da arte, incluindo obras que refletem mudanças sociopolíticas, econômicas e culturais. Em suma, a arte e a cultura desempenham um papel importante como expressões sociopolíticas, moldando e sendo moldadas pelas dinâmicas políticas e sociais da sociedade.

São ferramentas poderosas de expressão, reflexão, mudança e desempenham um papel vital na construção de uma sociedade mais consciente, equitativa e inclusiva. É de suma importância destacar que o entendimento contextual do que se discute é sempre a base mais assertiva para a configuração do que se expõe. Darras diz que:

É importante distinguir a difusão, que indica o transporte da informação pelas mídias, e a mediação, que é uma operação semiótica de tradução. Uma e outra são necessariamente ligadas, pois a formatação midiática veicula sempre os interpretantes pela semiótica de C.S. Peirce. Nesse sentido, há sempre uma parte de mediação nos processos de difusão. (Darras, 2009, p.35).

Portanto, enquanto a difusão se refere à propagação da informação por meio das mídias, a mediação envolve a tradução e interpretação da mensagem para facilitar a compreensão pelo receptor. Ambos os conceitos estão ligados à semiótica supracitada, pois refletem aspectos fundamentais do processo de comunicação e significação.

Pensando na Arte por si só, todos esses conceitos acabam por desempenhar um papel vital ao oferecer ferramentas analíticas para entender como a Arte cria significados, como esses significados são comunicados e como são interpretados pelo público. Isso não apenas enriquece a compreensão e apreciação da Arte, mas também promove um diálogo crítico e reflexivo sobre o papel da Arte na sociedade atual.

A compreensão semiótica da Arte, principalmente a Contemporânea, também permite aos artistas explorar novas formas de expressão e experimentação. Ao compreender como os signos e significados são construídos e interpretados, os artistas podem conscientemente desafiar ou subverter expectativas, criando obras que são inovadoras tanto em termos estéticos quanto conceituais.

5 CONCLUSÕES

As artes sempre trabalharam com o desconhecido. Historicamente, a arte insistiu em um vocabulário que levasse em conta a ficção e que qualificasse a incerteza. A informação se perde e a dúvida persiste, mas a arte pode moderar esses paradoxos ao operar fora dos sistemas padrão, escalas enormes, pela introdução de modelos e medidas alternativas. A arte se vale da incapacidade dos meios existentes para descrever o sistema de que somos parte —ela aponta para a sua desordem. O mais importante: a arte pode fazer isso porque junta pensar e fazer, reflexão e ação. A arte está fundada na imaginação, e somente através da imaginação seremos capazes de conceber outras narrativas para nosso passado e novos caminhos para o futuro (Volz, 2016, p.21).

Essa dissertação se estabelece em estudos e reflexões que evidenciam o vínculo entre Arte e Cultura como um processo direto e interrelacional.

Ao concluir a pesquisa, pode-se apontar que a Arte não é um mero objeto opcional de mediação da Cultura, e suas diversas manifestações foram e ainda ocorrem em diversos períodos de tempos, e que, em consonância com as atualizações da sociedade se reconstrói continuamente em sua atuação e existência processual.

Tal processo pode ser consequência resultante de aspectos políticos, econômicos e sociais que influenciam diretamente a Arte, e por relação de apoio a própria Cultura.

Conforme visto, a Cultura é influenciada pelos acontecimentos ocorridos na sociedade como um todo, e a Arte é reveladora direta das alterações ocorridas na Cultura e em todas as áreas atuantes na mesma.

A Arte é Cultura, e a Cultura também é Arte. Nenhuma das duas nessa configuração é maior ou menor que a outra.

Desse modo, o presente estudo evidenciou que a Cultura incorporou para a sua própria construção o reflexo existencial da Arte em suas mais diversas expressões ocorridas na sociedade, deixando de lado a pretensa neutralidade e passividade de sua existência, já que a Arte na temática aqui discutida e lembrada, é a própria Cultura em mais uma possibilidade de existência.

Os aspectos presentes nas artes, que foram incorporados nos currículos e debates escolares, demonstram claramente que são os de ordem, em que se estabelecem as hierarquias econômicas, as esferas sociais, as funções sociais, as relações históricas, os valores nacionais e as imposições políticas.

Esses aspectos foram, e vão se alterando ao longo dos anos, relativizando a

manifestação artística de acordo com cada sociedade, ou seja, encontra-se a mesma Arte manifestada de formas diferentes em alguns locais, ainda que num mesmo período.

A música Cálice de Chico Buarque de Holanda, nos remete a refletir sobre os dias atuais, vejamos a letra da referida música:

Cálice (part. Milton Nascimento)

Chico Buarque

Pai, afasta de mim esse cálice	momento
Pai, afasta de mim esse cálice	Ver emergir o monstro da lagoa
Pai, afasta de mim esse cálice	
De vinho tinto de sangue	Pai, afasta de mim esse cálice
	Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice	Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice	De vinho tinto de sangue
Pai, afasta de mim esse cálice	
De vinho tinto de sangue	De muito gorda a porca já não anda
	De muito usada a faca já não corta
Como beber dessa bebida amarga?	Como é difícil, pai, abrir a porta
Tragar a dor, engolir a labuta?	Essa palavra presa na garganta
Mesmo calada a boca, resta o peito	Esse pileque homérico no mundo
Silêncio na cidade não se escuta	De que adianta ter boa vontade?
De que me vale ser filho da santa?	Mesmo calado o peito, resta a cuca
Melhor seria ser filho da outra	Dos bêbados do centro da cidade
Outra realidade menos morta	
Tanta mentira, tanta força bruta	Pai, afasta de mim esse cálice
	Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice	Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice	De vinho tinto de sangue
Pai, afasta de mim esse cálice	
De vinho tinto de sangue	Talvez o mundo não seja pequeno
	Nem seja a vida um fato consumado
Como é difícil acordar calado	Quero inventar o meu próprio pecado
Se na calada da noite eu me dano	Quero morrer do meu próprio veneno
Quero lançar um grito desumano	Quero perder de vez tua cabeça
Que é uma maneira de ser escutado	Minha cabeça perder teu juízo
Esse silêncio todo me atordoa	Quero cheirar fumaça de óleo diesel
Atordado eu permaneço atento	Me embriagar até que alguém me
Na arquibancada pra a qualquer	esqueça

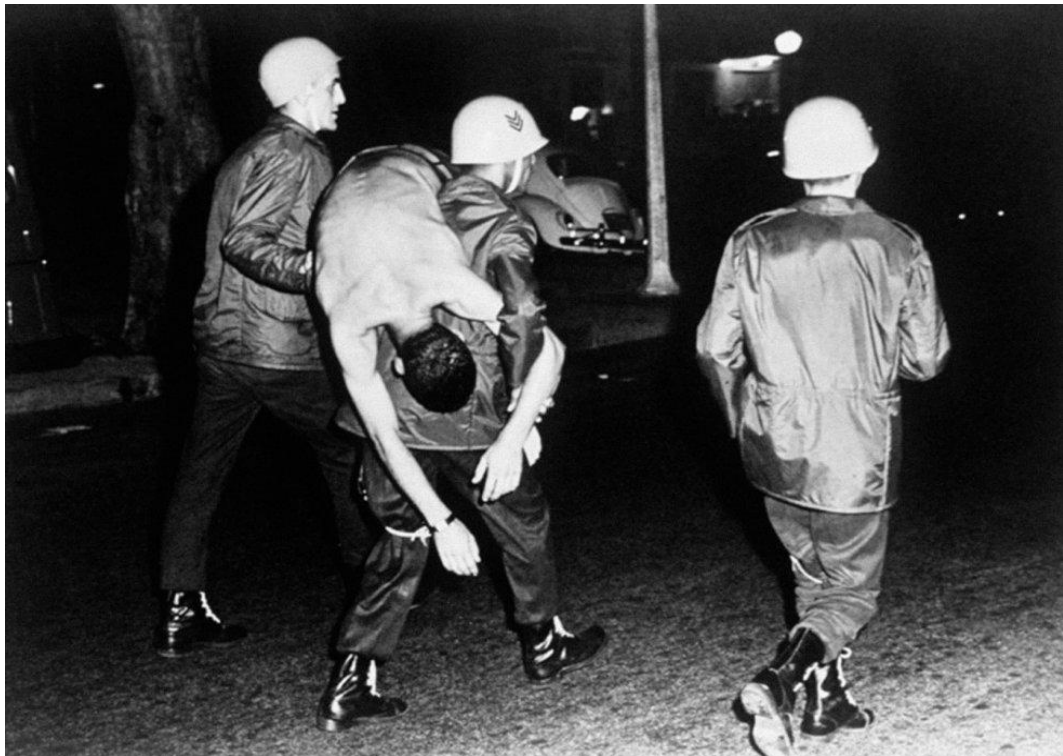
Como sugerem todos os autores aqui levantados, a Arte reproduz a Cultura e a Cultura se reproduz também através da própria Arte.

Em suma, Arte e Cultura são órgãos interdependentes que abrangem toda a sociedade, seguindo os seus devidos conceitos e, em alguns casos, também

norteados pelos seus respectivos representantes políticos. Foi assim no passado distante em que os mecenas eram figuras importantes na sociedade e também ocorreu em parte na Ditadura Militar brasileira.

Por necessidade ou medo, alguns sucumbem às regras impostas por outrem. Nada apaga as torturas a que muitos acabaram submetidos (figuras 55, 56, 57 e 58), mas a Arte, em sua essência maior parece registrar a história, o tempo e o sentir de um único e eterno momento.

Figura 55 - Ação Militar na Ditadura



Fonte: <https://iphotochannel.com.br/12-imagens-da-ditadura-militar-no-brasil/>

Figura 56 - Opressão para todos os gêneros



Fonte: <https://iphotochannel.com.br/12-imagens-da-ditadura-militar-no-brasil/>

Figura 57 - Protesto contra a Ditadura



Fonte: <https://iphotochannel.com.br/12-imagens-da-ditadura-militar-no-brasil/>

Figura 58 - Ato contra a Ditadura



Fonte: <https://iphotochannel.com.br/12-imagens-da-ditadura-militar-no-brasil/>

Se de um lado a Ditadura Militar Brasileira foi um dos períodos mais tensos e repletos de mistérios sobre o paradeiro de muitas pessoas e personalidades, nos mais variados campos até hoje, foi nela também que a Arte projetou inúmeros indivíduos e artistas que sobreviveram a toda a barbárie.

Nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Maria Bethânia, Gal Costa, Juca Chaves, Geraldo Vandré, Tom Zé e tantos outros, reverberam como resistência, cada um a seu modo e com determinadas críticas, até os dias de hoje.

As letras de muitas canções carregam não apenas a crítica por esse período obscuro da sociedade brasileira, como desfilam a genialidade audaciosa por parte de alguns artistas ao driblarem a Censura imposta na época com mensagens ambíguas, ainda que hoje, à luz dos dias atuais muito claras em seus propósitos.

Muito já se falou da Ditadura nacional em relatos, dissertações, jornais, livros, mas a verdade sobre boa parte do que realmente aconteceu, ainda se encontra fechada em arquivos políticos, nunca abertos oficialmente para a sociedade. É um abismo dentro da história, sem a resposta que tantos parentes, pessoas que tiveram seus entes queridos desaparecidos, esperam por saber: o que a Ditadura realmente fez com aqueles que sucumbiram da noite para o dia, sem restos mortais, sem prova aparente da barbárie que sofreram? Daqueles que viveram os dias de terror e de

tortura e que sobreviveram a isso, quantos ainda não tiveram nenhum reparo histórico e/ou psicológico e, até hoje, vivem as consequências desse período de terror?

No meio disso tudo, mais uma vez, a Arte perpassou por esses dias embuída em sentidos e impressões, de tempos que por mais que se relate, jamais a mesma Arte será capaz de traduzir o horror vivido e temido por muitos.

No entanto, antagonicamente e apesar de todo medo, essa mesma Arte produziu e foi a esperança de muitos, e salvou a tantos de mil outras maneiras, numa quantificação incerta mas firme, em seu propósito de transformar, porque a Arte mediada por toda cultura daquela época, foi forte o suficiente para transpassar, denunciar e relatar também (e ao menos) parte do terror vivido no período mais sombrio da sociedade brasileira.

De alguma ou de muitas formas, nota-se que a Arte sempre serviu no decorrer do tempo como um pseudo espetáculo de poder, que não apenas enaltece a sua própria sociedade, mas também coloca uma delimitação clara das classes formadoras de um país. Nesse sentido, é importante ressaltar que o ensino da Arte aguça a capacidade criadora dos indivíduos, incluindo porventura os estudantes que a acessam, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico e emancipador.

A exposição Dos Brasis – Arte e Pensamento Negro, realizada no SESC Belenzinho em São Paulo, no período de 02 de agosto a 28 de janeiro de 2024 (figura 59) contribuiu de forma crítica na construção da diversidade do povo brasileiro. A mostra deixou claro e latente as múltiplas possibilidades de existências culturais, de povos “minoritários” que podem não apenas existir (ou resistir), mas nortear diferentes parâmetros sociais, políticos e econômicos.

Figura 59 - Exposição Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro



Fonte: <https://arquimuseus.arq.br/2023/08/17/exposicao-dos-brasis-sesc-sp/>

A Arte e toda a Cultura de uma sociedade acaba por reverberar de forma direta o exercício de poder das classes dominantes em prol de seus interesses pessoais de exercício de poder. Portanto, nota-se os currículos pedagógicos embutem nos estudantes, recordações históricas dos pseudos desenvolvimentos alcançados pelo país e reafirmam assim os rumos da política da época.

Com uma possível discussão conceitual dos acontecimentos e suas respectivas construções, compreende-se a partir da Teoria Crítica, que a Arte se coloca como mercadoria da Indústria Cultural, cuja finalidade é ser consumida e gerar lucro, ainda que minimamente.

Embora a Arte e a Cultura sirvam de referência de puro lazer ou de caráter político para muitos, a elucidação do presente estudo mostra que para outros, tanto uma quanto a outra estão emaranhadas entre si, e apontam simbolicamente para um momento de interpretação continuamente reconstruída pelos sujeitos atuantes da sociedade vivida.

Torna-se, portanto, evidente que Arte e Cultura são fenômenos sociais indissociáveis, não cartesianos, que evoluem através do rompimento de uma visão única e de neutralidade das mesmas.

Levantar a problematização da questão dialógica entre Arte e Cultura, e seus

principais conceitos e suas inferências mais profundas especialmente no campo do processo formativo educacional, foi ponto-chave necessário para que a grandiosidade da Arte em seu processo e construção cultural fosse evidenciado nessa pesquisa.

De modo geral, reflete-se que a educação acontece o tempo todo, não limitando sua aprendizagem a locais formais ou não-formais. Essa educação, seja por meio da Arte ou qualquer outra disciplina, é uma expressão de vida coletiva, que desencadeia múltiplas ações como vínculos, identidades culturais, interações e possibilidades do exercício político e social, considerando ainda o respeito às diferenças.

Concluindo e tendo a certeza de que, como um todo, a sociedade se forma por meio de diversos aspectos, tendo na Arte e na Cultura o seu próprio processo de desenvolvimento e, portanto, não a limita como artefato mediativo opcional da própria cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGOLO, Gabriela Salles. **Olhares e saberes do encontro com a arte**. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (Orgs.). *Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas, SP: Papirus, 2005. p.73-84.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Educação em museus**: termos que revelam preconceitos. *Diálogos entre arte e público*, v. 1, p. 30-34, 2008. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/acervo-local/producao-academica/002694032.pdf>. Acesso em: 09 maio 2024.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- DARRAS, Bernard. **As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural**. In: BARBOSA, A. M.; Coutinho, R. G. (Orgs.) *Arte/Educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 23-52.
- FELDHAUS, Marcelo. **Arte, museus e mediação cultural**: a experiência estética e a construção do conhecimento sensível. In: *Revista Da FUNDARTE*, (28), pp. 136-152, 2014. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/94>. Acesso em: 10 maio, 2024.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GEERTZ, Clifford, 1926. **A interpretação das culturas**. - I.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- KANT, E. **Crítica da razão pura**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LYOTARD, Jean François. **A Condição Pós-Moderna**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. 16ª ed. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 2015.

MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo** - São Paulo: FTD, 2010. - (Coleção teoria e prática).

MARTINS, Mirian Celeste. (Org.). **Pensar juntos mediação cultural: (entre) laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota, 2014.

MARTINS, Mirian Celeste. **Sala de aula: experiências para além das visitas/expedições**. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. (Org.). *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; BONFATI, M. C. B. M. (Org.) ; DEMARCHI, R. (Org.) ; DOMINGUES, C. (Org.) ; EGAS, O. (Org.) ; FABRO, M. L. S. (Org.) ; FIORAVANTI, M. L. B. (Org.) ; MOURA, L. (Org.) ; RODRIGUES, M. S. (Org.) ; SANTANA, P. (Org.) ; SANTIAGO, M. C. DO A. C. DE B. (Org.) ; SCHULTZE, A. M. (Org.) ; UTUARI, S. (Org.) . **Mediação: provocações estéticas**. 1. ed. São Paulo: Instituto de Artes/Unesp. pós-graduação, 2005. v. 1. 144p . *Mediação: primeiros encontros com arte e cultura*. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. (Org.) *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

PINO, Angel. **As marcas do humano** – as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade** – Uma introdução às teoria do currículo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000, pgs. 85-142.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do ocidente**. In: SOROKIN, Pitiriam A. *Novas teorias sociológicas*. Rio de Janeiro: GloboVozes, 1969, p.177-178.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TYLOR, E. B. **A ciência da cultura** [1871]. In: CASTRO, C. *Evolucionismo cultural* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VOLZ, Jochen. **Jornadas Espirais: Incerteza Viva**. In: Bienal de São Paulo, 32, 2016, São Paulo. Catálogo da 32ª Bienal de São Paulo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 21-27. Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/publicacao.php?i=3325>>. Acesso em: 2 de mar. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell**. Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.